

Conservas de Peixe

REVISTA MENSAL

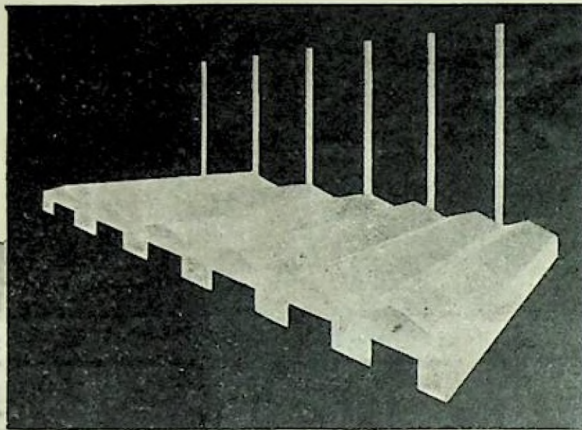


ETP

ANO I
1947


N.º 10
JANEIRO


ALGARVE EXPORTADOR, L.^{DA}




SIÈGE
À
LISBONNE




 MATOSINHOS

 NAZARETH

 PENICHE

 LISBOA

 SETUBAL

 LAGOS

6 MARQUES PRINCIPALES

N I C E
N I C E T T E
C I N E
F L O R A
C O R A L
T R I A D E

RENOMMÉE MONDIALE



6 GRANDES USINES AU PORTUGAL

LISBOA • SETÚBAL • LAGOS • PENICHE • NAZARÉ • MATOZINHOS

CONSERVES DE SARDINES À L'HUILE • CONSERVES DE SARDINES À L'HUILE • CONSERVES DE SARDINES À L'HUILE • CONSERVES DE SARDINES À L'HUILE

RESERVADO
PARA

SCHWARZ & EHRLICH

AGENTES DE IMPORTAÇÃO

100 HUDSON STREET
NEW YORK 13, N. Y.

Enderêço Telegráfico: SARDIPORT



SOCIEDADE DE CONSERVAS
JOANA D'ARC

R RECEBIDO

27 JAN. 1947

RESPONDIDO

MATOSINHOS



VICTOR M. CALDERÓN Co.

ENDERÊÇO TELEGRÁFICO
DE LABARCA

FUNDADA EM
1923

99, HUDSON STREET
NEW YORK, 13

A PRIMEIRA CASA AMERICANA EM PRODUTOS PORTUGUESES

ESPECIALIZADA EM:

Conservas de Peixe, Pimentão,
Azeite de oliveira, Amendoas, Frutos
sêcos e Cortiça

ESTABELECIDADA EM 1882

Strohmeyer & Arpe Company

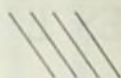
IMPORTADORES
Distribuindo através de todos os
ESTADOS UNIDOS

139-141 FRANKLIN STREET
NEW-YORK, N. Y.
Enderêço telegráfico; "Ryrabate"

Schroeder Bros Inc.

AGENTES DE FABRICANTES — DISTRIBUIDORES

Sardinhas — Atum — Filetes de Anchovas



Azeite de Oliveira — Frutos sêcos — Especialidades

AGENTES EXCLUSIVOS NOS ESTADOS UNIDOS
DAS PRINCIPAIS CASAS EUROPEIAS DESDE 1913

10 Beach Street NEW-YORK, N. Y. End. teleg. "Frader"

The Norport Company, Inc.

99, Hudson Street ~ New York, N. Y.

ENDERÊÇO TELEGRÁFICO:
P O R T N O R C O M



Importadores de Con-
servas de Peixe de
Portugal e Colónias

A nossa organização de Vendas
cobre todos os Estados Unidos

BREWSTER TRADING CORPORATION

99 HUDSON ST.
NEW YORK, 13

ENDERÊÇO TELEGRÁFICO
DOGHORSE

ORGANIZADA EM 1941

EXPORTADORES E IMPORTADORES

EXPORTAÇÃO: Redes para Pesca, Fólha de Flandres, Arame para Chaves, Maquinaria para a Indústria de Pesca, Produtos Químicos, etc.

IMPORTAÇÃO: Produtos Portugueses.

MARIE ELISABETH

A MARCA AFAMADA DAS CONSERVAS
DE SARDINHAS PORTUGUESAS

EM AZEITE E TOMATE
COM ESPINHA
SEM ESPINHA

SEM PELE E SEM ESPINHA
E DE FILETES DE ANCHOVAS

QUALIDADE EXCELENTE

JÚDICE FIALHO & C.^A
FARO

Severo Ramos, Ltd.

PORTIMÃO
PORTUGAL

Fabricants — Exportateurs

De Conserves de Sardines, Anchois
et Filets de Maquereaux

MARQUES DÉPOSÉES

Splendour — Marco Polo
— Rosebelle — Exquisite

Télégramme "SEVERO" Portimão
phone 22-23

EMPRESA EXPORTADORA
LUSITANIA, L.^{DA}

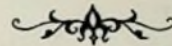


CONSERVAS DE PEIXE

*Sardinhas, Atum, Filetes
de Cavalas, Anchovas*

MARCAS:

ODEON-TIVOLI
PACIFIC-SEABELLE



Telegrafo
LUSITANIA

Correspondencia
APARTADO, 100

Telefone
272

S E T Ú B A L

BOTELHOS & C.^A



MATOSINHOS

—
"Botelho"
brand
the
finest quality
—

Packers only of
olive oil and an-
chovy paste

Forbes de Bessa & C.^a L.^{da}

FÁBRICA DE CONSERVAS

RECORD

TELEF. 355
TELEG. RECORD
APARTADO 35

Rua Mousinho de Albuquerque, 673
MATOSINHOS

MARCAS:

FORBES
RECORD
RAMOS

SANTOS, GOMES, GAMITO & C.^a

FABRICANTES-EXPORTADORES
DE CONSERVAS DE PEIXES

Comendadores da Ordem do Mérito Industria

Prefiram as nossas marcas

SANGAMITO
EREMITA
SANTÉ
COMBATIVE
GOUTEZ

MEDALHAS DE OURO

Exposição Regional Setúbal 1930
Exposição Colonial e Internacional de Paris 1931
Grande Exposição Industrial Portuguesa 1932

TELE { FONE: 322
GRAMAS: SANGAMITO

R. MARTIRES DA PÁTRIA
SETÚBAL

ACIL

Agência Comercial e Industrial, Lda.

IMPORT. — EXPORT.
COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

PRAÇA DA RIBEIRA NOVA, 6-2.º

LISBOA - PORTUGAL

TELEF. 27677 — TELEG. ACILDA

Importadores e Distribuidores de Matérias
Primas para a Indústria de Conservas
Óleo de Mendobi e Azeite de Oliveira,
Fôlha de Flandres, Inglesa e Americana,
Arames, Arcos para Caixas, etc.

ARMAZÉNS EM:

MATOSINHOS-SETÚBAL
PORTIMÃO-OLHÃO

Tele { phone: 272-M
grams: AVIZ

FÁBRICA DE CONSERVAS

AVIZ

EDMUNDO FERREIRA
Import — Export

--

Head Office
MATOSINHOS (PORTUGAL)
Rua D. João I, 123

--

Factory
VILA DO CONDE (PORTUGAL)

BIEN TRADING COMPANY INC.

IMPORTADORES — DISTRIBUIDORES

Sardinhas — Filetes de Anchovas — Atum

ENDERÊÇO TELEGRÁFICO: BIENCODAR

NEW-YORK, 13, N. Y.

105 HUDSON STREET

EASTERN SAUSAGE & PROVISION C.º, INC.

Distribuidores de

**PRESUNTOS E OUTRAS CARNES
EM CONSERVA**

Peixe em Conserva
Especialidade em
Atum — Salmão
Sardinhas e Anchovas
em todos os formatos

Eastern Sausage & Provision C.º, Inc.

178-180 Franklim St. — NEW-YORK, N. Y.

José Correia Pontes, L.^{da}

labricantes de conservas de peixe
em azeite e em salmoira

Tele { gramas: Cerinhas -- Olhão
lone: 174

Códigos { A. B. C. 5.º Ed.
Bentley's
Privés

Olhão - Portugal

H. ORMAI

AGENTE DE FABRICANTES

CONSERVAS DE PEIXE

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: ORMAI

100 HUDSON STREET-NEW-YORK CITY

Brandão & C.^a L.^{da}
Matosinhos (Portugal)

Fabricantes e exportadores de
conservas de todas as quali-
dades - Exportadores de azeite



Sardinhas das reputadas marcas

Brandão - Favorita - 33 - Seastar
Varina - El-rei - Lili - Doméstica



Telefone 65 } Matosinhos
Telegramas Varina }

A CASCAIS, L.^{DA}
CASCAIS • PORTUGAL
FUNDADA EM 1916

Fabricantes-Exportadores

Conservas de Sardinhas, Anchovas, Atum,
Filetes de Cavala, etc.

Marcas Registradas:

Rose D'or

Luisinha

Belle Sardine

Ao Leme

ESCRITÓRIO EM LISBOA:

Avenida da Liberdade, 11

Telegramas: OLAF

Telefone 2 2683

ANO I
N.º 10



Conservas de Peixe

JANEIRO
1947

REVISTA MENSAL

Director: JOSÉ ANTÓNIO FERREIRA BARBOSA

Editor e Proprietário: J. AGOSTINHO FERNANDES

Composição e impressão: SOCIEDADE ASTÓRIA, LDA.—Regueirão dos Anjos, 68—LISBOA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Av. Marquês de Tomar, 14-3.º-Tel. 53138-LISBOA

Sumário

Liberalismo, Corporativismo e Totalitarismo; Produção e Exportação; Descarga e Pesagem do Peixe; Vitamínolo das Conservas de Peixe; O Orçamento do Estado para 1947 e os significados das suas principais verbas; A Indústria Inglesa do Arenque Plancia o seu Desenvolvimento; A Indústria da Salga; Um Programa; História da Vida das Sardinhas; A Industrialização dos Países Agrários; Teoria e Prática; D. Caspar Massó; Casimiro Lúcio de Oliveira; Recordando...; Matérias Primas; Pedidos de Representação; Pesca da Sardinha.

LIBERALISMO, CORPORATIVISMO E TOTALITARISMO

Por AUGUSTO DA COSTA

O facto de termos uma organização corporativa não nos dispensa de insistir na exposição dos princípios que estão na sua base. Em primeiro lugar porque, tendo sido a nossa organização mais imposta pelas circunstâncias do que solicitada pelos homens, foram mais aproveitados os benefícios do que assimilados os princípios. Em seguida, porque a organização corporativa portuguesa não está ainda completa; é do conhecimento geral que temos organismos corporativos e para-corporativos — Sindicatos, Grémios, Uniões, Federações, Juntas, Institutos, Comissões Reguladoras — mas não temos ainda formada, sequer, a primeira Corporação. Por último, o Corporativismo é um fenómeno universal do nosso tempo, ainda que muitas pessoas suponham o contrário, pelo que, em vez de tender para o desaparecimento, tende necessariamente para o aperfeiçoamento. Podem variar as designações de

país para país, ter num povo raízes históricas e doutrinárias, ser noutro improviso determinado pelo condicionalismo económico mundial; no fim de contas, porém, por toda a parte o económico aparece subordinado ao social, a plena liberdade dos indivíduos subordinada ao interesse superior da colectividade.

Admitamos por instantes que um movimento especificamente político determinava o desaparecimento imediato da organização corporativa. Que nos seria dado em troca? Voltariamos ao puro liberalismo económico? Ou cairíamos, pelo contrário, no puro totalitarismo? Porque, na verdade, não há muito por onde escolher. E, por outro lado, se o sistema corporativo é mau porque nos levou grande parte das liberdades económicas a que estávamos habituados — pior seria o Totalitarismo, porque nos levaria aquelas mesmas liberdades fundamentais que o Corporativismo nos deixou. Ora, entre o mal do Liberalismo

e o mal do Totalitarismo, entre os desmandos da economia liberal, e os desmandos da economia totalitária, que sacrifica a liberdade dos indivíduos às conveniências do Estado, — entre estes dois extremos, equidistante deles, encontramos a solução corporativa, com os seus benefícios, na ordem económica e social.

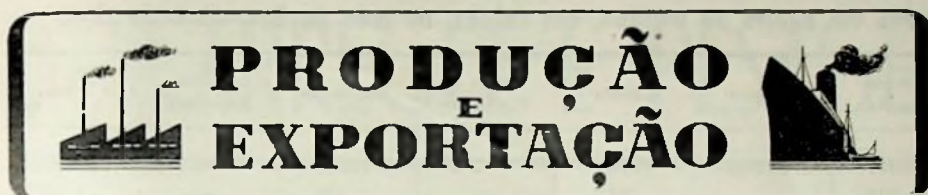
Que é o Liberalismo? Em síntese, a tirania do indivíduo sobre a sociedade. Quais as suas consequências na ordem económico-social? Na ordem económica, a ruína dos fracos pela concorrência dos fortes; na ordem social, a «proletarização» dos trabalhadores, o sacrifício dos valores humanos aos valores puramente económicos. No plano da produção, as grandes concentrações capitalistas esmagam inexoravelmente as pequenas empresas independentes; no plano social, os salários sobem quando dois patrões correm atrás dum operário, e descem quando dois operários correm atrás dum patrão. Em qualquer dos casos, domina a vontade do mais forte com prejuízo da justiça.

Que é o Totalitarismo? Em síntese a tirania do Estado sobre o indivíduo. Quais as suas consequências na ordem económico-social? Na ordem económica, a supressão completa da iniciativa individual, substituída pela burocracia do Estado; na ordem social, a «proletarização» não somente dos trabalhadores mas de todos os indivíduos, sem distinção de sexos. No plano da produção, não há fortes nem fracos, grandes nem pequenos, porque o Estado é produtor único; no plano social, todos são escravos do Estado, pelo que não é possível negociar e menos ainda discutir com êle.

Conforme disse Salazar no seu último discurso, «todo o Estado moderno, independentemente do seu fâcies político, vai ser dominado pela preocupação do «social», preocupação que há-de certamente traduzir-se em intervenções mais ou menos profundas no domínio económico — propriedade e produção — mas cuja finalidade se cifra em se conseguir melhor distribuição da riqueza produzida e na admissão da generalidade dos indivíduos aos benefícios da civilização».

E convém lembrar, nesta altura, que semelhante finalidade foi já também a do Liberalismo do século XIX e é igualmente a do Totalitarismo — nazista, facista ou comunista — do século XX; os processos de alcançá-la é que são diferentes. Para o Liberalismo havia uma ordem natural das coisas, que era, de todas as combinações possíveis, a mais vantajosa para o género humano, pelo que os governos deviam abster-se rigorosamente de intervir no mecanismo económico: o que as leis naturais fizessem, estaria bem feito. Para o Totalitarismo, pelo contrário, os homens estão cada vez mais em condições de submeter as forças económicas pela técnica da produção, mas é mister que os trabalhadores se apropriem da terra e dos instrumentos de produção, emancipando-se do capitalismo pelo colectivismo. E assim, se num lado tínhamos de obedecer à tirania das «leis naturais», cegas e deshumanas por definição, temos no outro de obedecer ao absolutismo do Estado, que pela planificação integral eleva ao máximo a sua intervenção na vida económica. Ao «deixa andar» do Estado liberal sucedeu o intervencionismo do Estado totalitário.

Entre a economia sem direcção do Liberalismo, e a economia dirigida, ou planificada, do Totalitarismo, encontra-se a economia auto-dirigida do Corporativismo. O próprio economista inglês Keynes, apesar de liberal, compreendeu a instabilidade da situação actual: «Creio que nalgum lado deve existir um termo médio para manter a unidade de contróle e organização entre o indivíduo e o Estado moderno. Por isso creio que o progresso na direcção, desenvolvimento e reconhecimento das entidades corporativas autónomas intermédias há-de introduzir-se nos espaços vários do Estado. E até presumo que vamos experimentar um regresso às formas autónomas independentes da Idade-Média...» O Corporativismo dá-nos, justamente, êsse corpo social intermédio entre o Estado e o indivíduo. E por isso o Dr. Marcelo Caetano pôde proclamar um dia que o Corporativismo era o último reduto da liberdade humana contra a tirania do Estado totalitário...



A situação no mês de Setembro
PRODUÇÃO

AZEITE OU MÔLHOS

A produção de conservas de peixe durante o mês de Setembro totalizou 278.152 caixas, nas seguintes espécies: sardinha, 247.540, carapau, 5.777, cavala, 7.291, atum e similares 2.494, anchovas, 12.695 e outras espécies, 2.355.

Matosinhos figura á frente desta produção com 126.803 caixas, das quais 117.802 de sardinha e 5.269 de carapau. A seguir, mas muito afastado, está Portimão, com 46.674 caixas na sua quase totalidade, 46.058 caixas, de sardinha. O terceiro lugar é ocupado por Olhão, com 45.098 caixas, principalmente de sardinha, 35.462 caixas, e anchovas, 5.936 caixas.

Em relação às espécies, os maiores produtores, foram: sardinha e carapau, Matosinhos, nas quantidades acima mencionadas; anchovas e cavala, Olhão, respectivamente com 5.936 e 2.900 caixas; atum e similares, Vila Real de Santo António, com 1.157 caixas.

A produção do mês de Setembro foi superior á de Agosto em 158.883 caixas. Houve aumento na produção de sardinha, carapau e outras espécies, e diminuição na de cavala, atum e similares e anchovas.

A produção de Setembro do ano passado foi de 269.796 caixas, inferior, portanto, á deste ano, e está á cabeça Matosinhos com 135.806 caixas.

SALMOIRA

A produção desta conserva em Setembro foi de 688.141 quilos, dos quais 292.065 de sardinha, 291.986 de biqueirão, 100.000 de

carapau, 3.140 de cavala e 950 de outras espécies. O total da produção, por Centros, em quilos, foi: Matosinhos, 220.901; Lisboa, 15.622; Lagos, 31.140; Portimão, 24.700; Olhão, 254.343 e Vila Real de Santo António, 141.435.

Olhão, foi, portanto, o 1.º Centro produtor. Em relação ao mês de Agosto, houve um aumento de produção de 598.158 quilos e uma diferença a menos de 921.166 quilos em relação ao mês de Setembro do ano anterior em que Olhão figura também á frente desta produção.

EXPORTAÇÃO

AZEITE OU MÔLHOS

Por Centros

A exportação do mês de Setembro foi de 1.424.762 quilos (82.717 caixas) no valor de 17.927.127,65, distribuídos pelas seguintes espécies: sardinha, 1.064.892 quilos (55.031 caixas) no valor de 12.246.258,00; carapau, 39.805 quilos (2.137 caixas) no valor de 296.547,25; cavala, 798 quilos (42 caixas) no valor de 11.012,40; atum e similares 60.348 quilos (3.057 caixas) no valor de 983.672,40; anchovas, 196.071 quilos (19.746 caixas) no valor de 3.921.420,00; outras espécies, 62.848 quilos (2.704 caixas) no valor de 468.217,60.

Matosinhos foi o Centro que mais exportou: 543.467 (29.285 caixas) no valor de 6.350.858,05, principalmente em sardinha (504.860 quilos), anchovas (19.328 quilos) e carapau (17.556 quilos). Em seguida vem Olhão com 302.690 quilos (20.122 caixas) no valor de 4.277.270,60, distribuídos na maior quantidade por sar-

dinhas (198.715 quilos) e anchovas, 257.838 quilos (14.387 caixas) no valor de 3.292.605,85, compreendendo, especialmente, sardinhas (162.435 quilos), atum e similares (49.078 quilos), anchovas (21.868 quilos) e carapau (12.901 quilos).

Em Agosto exportaram-se menos 321.586 quilos no valor de 1.542.511,55 e em Setembro de 1945, menos 385.764 quilos no valor de 1.508.346,10, figurando como 1.º exportador o Centro de Lisboa com 399.807 quilos no valor de 5.542.531,10.

SALMOIRA

A Exportação no mês de Setembro foi de 37.955 quilos no valor de 114.286,80, distribuídos pelas seguintes espécies: sardinha, 37.844 quilos (113.865,00); cavala 15 quilos (57,00) e outras espécies, 96 quilos (364,80). O principal Centro exportador foi Lisboa com 21.044 quilos de sardinha no valor de 63.132,00.

Em comparação com o mês de Agosto exportaram-se em Setembro menos 129.197 quilos, e menos 63.149 quilos do que em igual mês de Setembro de 1945, em que Peniche está á frente com 87.915 quilos no valor de 263.745,00.

Por Países

Os 3 principais países importadores, foram: Brasil (526.309 quilos), E. U. A. (123.258 quilos) e Holanda (108.110 quilos).

Em relação ás várias espécies, a sardinha foi mais exportada para o Brasil (505.862); o carapau para a Palestina (15.257 quilos); o atum e as anchovas para os E. U. A. (respectivamente 26.547 e 2.993 quilos).

Em Agosto, os 3 primeiros países compradores, foram: os E. U. A. (204.000 quilos), o Brasil (200.331 quilos) e a Bélgica (184.918 quilos), e em Setembro do ano anterior, os E. U. A. (656.055), a Suíça 165.140 quilos) e a Holanda (79.795 quilos).

Produção, por centros, de conservas em azeite ou mólhos, em caixas, no mês de Setembro de 1946

	Sardinha	Sardinha (Marca Nac.)	Carapau	Cavala	Atum e Similares	Anchovas	Outras Espécies	Totais
Matosinhos	80.785	37.017	5.269	2.196	437	1.009	-	126.803
Peniche	2.205	6.360	-	248	-	184	-	8.997
Lisboa	1.454	958	-	106	900	154	244	3.816
Setúbal	15.187	4.492	-	420	-	3.312	1.787	25.198
Lagos	5.247	6.678	-	3	-	1.223	-	13.151
Portimão	30.829	15.229	5	405	-	206	-	46.674
Olhão	23.711	11.751	485	2.900	-	5.936	315	45.098
V. R. S. António	4.352	1.195	18	1.013	1.157	671	9	8.415
	163.860	83.680	5.777	7.291	2.494	12.695	2.355	278.152

Exportação, por centros, de conservas em azeite ou mólhos, em quilos, no mês de Setembro de 1946

	Sardinha	Sardinha (Marca Nac.)	Carapau	Cavala	Atum e similares	Anchovas	Outras espécies	TOTAIS		Valores
								Quilos	Caixas	
Matosinhos	449.130	55.730	17.556	-	1.670	19.328	53	543.467	29.285	6.350.858\$05
Peniche	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Lisboa	79.494	82.941	12.901	798	49.078	21.868	10.758	257.838	14.387	3.292.605\$85
Setúbal	63.875	90.173	3.800	-	2.850	35.376	51.227	247.301	14.461	2.935.478\$15
Lagos	-	9.500	-	-	2.280	11.811	-	23.591	1.770	382.634\$00
Portimão	12.454	13.000	-	-	2.400	9.291	-	37.145	1.872	517.661\$00
Olhão	121.575	77.140	5.548	-	2.070	95.547	810	302.690	20.122	4.277.270\$60
V. R. S. António	9.880	-	-	-	-	2.850	-	12.730	820	170.620\$60
	736.408	328.484	39.805	798	60.348	196.071	62.848	1.424.762	82.717	17.927.127\$65

* Valores médios, estabelecidos pelo Conselho Geral do I. P. C. P. para efeito de cálculo da contribuição industrial.

Exportação, por países de consumo, de conservas em azeite ou mólhos, em quilos, no mês de Setembro de 1946

	Sardinha	Sardinha (Marca Nac.)	Carapau	Cavala	Atum e similares	Anchovas	Outras espécies	Totais
Brasil	389.442	116.420	-	-	18.042	2.315	90	526.300
Cuba	63.015	20.330	-	-	701	238	12.613	96.897
E. U. América	18	-	-	-	26.547	92.993	3.700	123.258
Holanda	68.932	39.178	-	-	-	-	-	108.110
México	24.362	22.426	2.850	-	5.680	2.795	17.929	76.042
Palestina	-	-	15.257	-	-	44.433	-	107.874
Venezuela	2.850	20.235	6.270	-	4.940	5.455	6.292	46.042
Outros países	187.789	109.895	15.428	798	4.438	47.872	22.224	340.230
Quilos	736.408	328.484	39.805	798	60.348	196.071	62.848	1.424.762
Caixas	38.256	16.775	2.137	42	3.057	19.746	2.704	82.717
Valores	8.468.692\$00	3.777.566\$00	296.547\$25	11.012\$40	983.672\$10	3.921.420\$00	468.217\$6	17.927.127\$65

DESCARREGO E PESAGEM DO PEIXE

Há anos, na Califórnia, quando um barco chegava com o peixe à fábrica, o trabalho de descarrego e pesagem era não só longo e fastidioso mas também muito desagradável, tanto para o pescador como para o fabricante, em virtude das contínuas disputas sobre o peso. Presentemente, graças aos modernos maquinismos utilizados nestas operações, constituídos por bombas especiais que aliviam os barcos da sua carga e por balanças que pesam o peixe em movimento, desapareceram os atrasos e as questões e o fabrico das conservas corre com a maior das facilidades.

Nos primeiros tempos da indústria das conservas, as lamparas e os barcos de arrasto ancoravam ao pé da fábrica e descarregavam o peixe em baldes que o transportavam ao longo dum cabo aéreo estendido desde a «torre», a parte mais elevada da fábrica, aonde o baldo era esvaziado, até ao ancoradouro do barco.

O balde levava cerca de 615 lbs. (278 quilos) de peixe e a pesca de cada barco era calculada e paga em múltiplos desta unidade de peso. Este sistema manteve-se até 1927, ano em que foi quase totalmente posto de parte. A razão encontramos-na no facto da lampara, que foi importada do Mediterrâneo em 1906, vir com o tempo a ser um meio de pesca antiquado que não satisfazia o engenheiro americano desejoso de uma pesca mais abundante e mais lucrativa. E assim é que, em 1927, apareceu um novo tipo de barco de arrasto com uma capacidade de pesca muito superior.

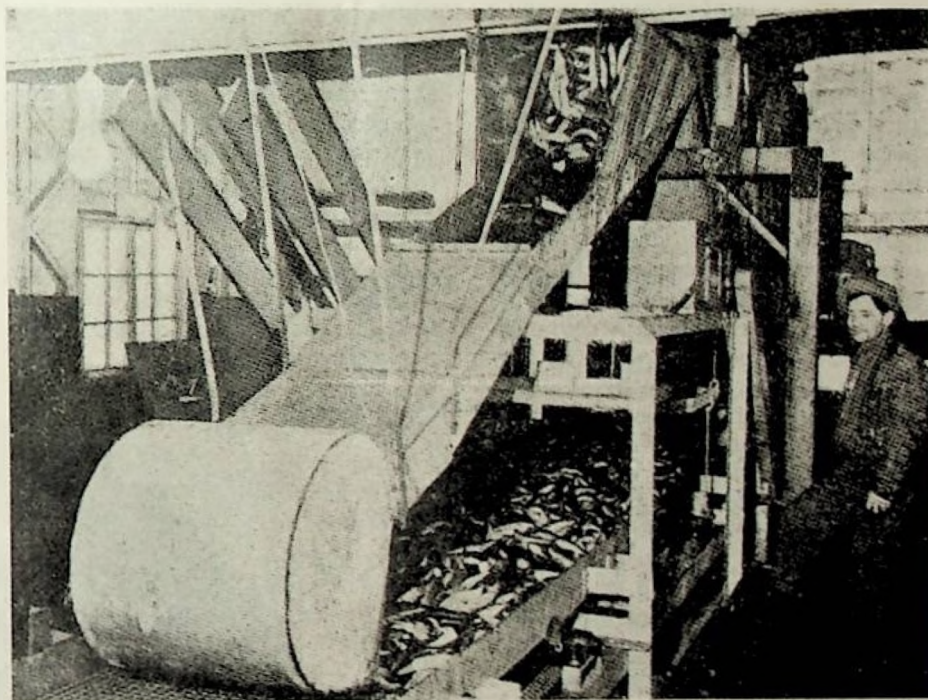
Com o aumento da pesca surgiram, porém, as dificuldades do descarrego, pois se perdia meio dia, pelo processo dos baldes, para des-

carregar 100 ton. de peixe, média da carga de cada barco, o que era demasiado lento para as necessidades das fábricas que tinham entretanto atingido uma grande capacidade de produção.

Foi então que para resolver este problema do engarrafamento na descarga se empregou a bomba aspirante que chupa o peixe para a fábrica através dos canais instalados debai-

fundo duma barçaça flutuante em forma de V. Os barcos de pesca, por meio dos seus mecanismos de descarga, despejam na barçaça o peixe que é aspirado através do canal de sucção e entregue na fábrica ileso.

Com o uso do método de descarga por meio de bomba encontraram os industriais de conservas americanos uma vantagem imprevista, — que



Balança Fairbanks-Morse para a pesagem do peixe em movimento

xo de água. Actualmente usa-se uma bomba centrífuga dum modelo especial fabricada por Fairbanks-Morse.

No final da linha de sucção, debaixo de água, sobe uma mangueira até à superfície e aí é ligada ao

seria para a nossa indústria uma grande desvantagem —. Não só se inutiliza menos do que um peixe em cada dois mil, como a fricção causada pelo movimento do peixe ao longo do canal de sucção é suficiente para lhe arrancar a escama, que nas fábricas de conservas america-



Transportador para peixe, desmontável em secções, tendo cada uma um motor próprio que lhes permite trabalhar independentemente, podendo ser instalado aonde for mais conveniente, e que é também muito usado na indústria norte-americana

nas é uma operação do fabrico que fica desta forma simplificada, e o peixe chega às máquinas cortadoras nas condições desejadas.

As dificuldades do descarrego não estavam ainda terminadas. Em virtude de se terem deixado de usar os baldes com que se fazia a contagem da tonelagem pescada por cada barco, tornou-se necessário pesar o peixe por outros processos. Alguns foram então usados que resolveram o problema da demora na descarga, mas que, quanto à pesagem, tinham o inconveniente de fazer depender o seu cálculo das notas tomadas pelas pessoas encarregadas desse serviço, que eram susceptíveis de erros, pelo que surgiam a todo o momento disputas entre os pescadores e os donos das fábricas.

Finalmente, a solução completa e eficaz do problema foi dada pela balança de transportador automático Fairbanks-Morse, que calcula e regista o peso do «pilchard» em movimento à medida que passa sobre a balança num transportador sem fim que se move à razão de 100 pés (33 metros) por minuto. A capacidade da balança é de 150 ton. por hora.

O marcador marca o peso com uma tal precisão que o comprador e o vendedor estão igualmente satisfeitos com a integridade e a verdade do registo da transação.

A balança está equipada com um ejetor de água limpa que faz a lavagem das escamas do peixe, das partículas das barbatanas e da car-

ne à passagem do transportador, servindo ao mesmo tempo para neutralizar a água salgada que escorre inevitavelmente dos «pilchards» acabados de serem retirados do seu meio natural. Algumas instalações empregam transportadores feitos de metal inoxidável e outras usam-nos construídos com arame galvanizado.

O aumento da capacidade de descarrego e pesagem de 70 ton. por hora, segundo o antigo sistema, para 150 ton. pelo processo do transportador de balança Fairbanks-Morse, trouxe, além das vantagens já apontadas, mais uma outra. Anteriormente, eram necessários vários operários para auxiliarem a operação da pesagem: agora, um simples operário basta para vigiar o funcionamento de todo o maquinismo em qualquer fábrica, o que representa uma economia notável no total da produção. O emprego da balança Fairbanks-Morse na indústria de conservas de peixe nos E. U. A. tomou, por isso, um grande desenvolvimento, e é de esperar que em breve se estenda a todos os industriais que acompanham o progresso da técnica.



Sistema arcaico de descarrego do peixe



Ciência e Técnica

VITAMINOLOGIA DAS CONSERVAS DE PEIXE

pelo PROF. PEREIRA FORJAZ

Já Ungewitter registava a importância da presença das *vitaminas A e D* no pescado, e a sua dosagem, nos produtos alimentares, está-se tornando *obrigatória*.

Resa a tradição que já em 1766, Kay, de Manchester, utilizava o óleo de fígado de bacalháu no tratamento das afecções ósseas e reumatismais — e em 1826 o mesmo óleo era usado, como autixerostálmico, por Wachenröder, ao passo que o velho Humboldt descrevia as *doenças tristes dos ossos*, provocadas pela falta de luz.

Hoje considera-se a *vitamina A* ou *axeroftol*, $C_{20}H_{30}OH$, produto da oxidação do β caroteno, com um ponto de fusão a $6-8^\circ$ e uma absorpção máxima de 3280 \AA , como produto económico fundamental (sob a forma de esteres de ácidos gordos) da riqueza animal da água do mar (por Kg de óleo de fígado de bacalháu 66-1320 mg de *axeroftol*). A *vitamina A₂*, tem uma importância secundária (1937-1938).

Ha muito se doseia esta vitamina pela conhecida *reação Carr-Price* (1928), com tricloreto de antimónio (coloração azul). Um pouco mais recente (1928) é a técnica da absorpção ultravioleta, de Morton. A unidade internacional desta vitamina foi fixada em 1934: U. I. = 0,67 de β caroteno — 0,37 de axeroftol. Para as sardinhas a taxa ponderal é da ordem de 0,35 por 1000 U. I. Aproveitando a coloração de Carr-

Price, fixa-se uma faixa de absorpção a $6100-6200 \text{ \AA}$.

Purificando uma conserva de peixe por adsorpção cromatográfica podemos fazer a dosagem vitamínica pela espectrofotometria, com um soluto padronizado.

Para os adultos a dose quotidiana é de 2500-5000 U. I., 1-2 mg de vitamina A ou 3-6 mg de β caroteno.

A *vitamina D* corresponde hoje ao grupo das vitaminas antirraquíticas, identificando-se actualmente com a chamada *vitamina D₃* $C_{27}H_{45}OH$, produto da irradiação da de-hidrocolesterina, com acentuada importância entre as substâncias vitamínicas activas dos peixes.

Funde a $82-84^\circ$; em solução cetónica, poder rotatório de $83,3^\circ$; absorpção máxima a 2650 \AA (a *ergosterina* irradiada dá um produto inactivo, que se denominou vitamina D_1 , mistura de *lumisterina* e vitamina D_2 ou *calciferol*, $C_{28}H_{45}OH$).

O reagente de Carr-Price dá com estes factores de acção colestérmicos uma coloração alaranjada, com uma absorpção máxima a 5000 \AA . Em 1940 Nield principiou a usar a espectrofotometria no seu doseamento.

Por kg de óleo de fígado de bacalháu tem-se fixado a existência média de 2-2,5 mg da vitamina D; por kg de sardinha, 13 mg.

Ao lado da vitamina A e D registam-se nos peixes a *vitamina B₁* ou *aneurina*, que dá por oxidação o *tiocromo*, de fluorescência azul (utilizada na sua dosagem pela técnica de Jansen): nas sardinhas, por cento, 0,04-0,06 mg; a *vitamina B₂*, ou *lactoflavina*, que a partir de 1933 se está em via de dosear satisfatoriamente por espectrofotometria: por cento, na sardinha, 0,53 mg; a *nicotilamida* ou *factor PP*, corando pelo diniclorobenzeno 2,4, etc.

Para as dosagens científico-industriais estão-se internacionalizando o fotometro electrónico Bills-Wallenmeyer e o espectro-fotometro Beckman.

Um estudo feito em 1940 pelo professor Lepierre sobre a influência do tempo na actividade de certos enzimas sugere, em parte, estas considerações. Urbain sustentava que as substâncias orgânicas, em estado de «constragimento químico» deviam destruir-se espontaneamente com o decorrer dos anos; entre elas, muito especialmente serão sujeitas á destruição as vitaminas fotosensíveis e termolábeis. A proximidade do próprio estanho, *inofensivo*, como lhe chama Lepierre no seu último artigo, publicado nesta Revista, terá influência, directa ou indirecta, nos seus periodos de transformação.

As novas técnicas espectrofotométricas levarão a prever, em função do tempo e da temperatura, a actividade vitamínica das conservas de peixe. O trabalho de Guarrant, Vavich e Dutcher, de 1945, já se ocupa deste problema nas conservas em lata. O de Feaster, Jackson, Greenwood e Kraybill dsstina-se a conservas de carne, e á riboflavina, ao ácido nicotínico e ao ácido pantoténico — o factor filtrante. E de 1946.

Na bromatologia do pescado é problema para seduzir a investigação e de acurada actualidade como se vê.

Na bromatologia do pescado é problema para seduzir a investigação e de acurada actualidade como se vê.

Janeiro de 1947.



Um nome a fixar...

«EX-L-ITE»
(marca registada)

Fôlha de Flandres da
REPUBLIC STEEL CORPORATION
NEW YORK — E. U. A.

Um producto que ainda não esqueceu...

Os azeites de
PALLARÉS HERMANOS, S. A.
CABRA — ESPANHA

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

F. NOBREGA DE LIMA, L.^{DA}
AVENIDA 24 DE JULHO, 1 LISBOA

ADÃO POLO'NIA & C^A. L^DA



FABRICAS
EM
MATOSINHOS
SETÚBAL



PORTUGAL

NOVA TÉCNICA NA FABRICAÇÃO DE CONSERVAS

Sistemas "Massó"

Canais de descabeço e evisceração com transporte e lavagem automática de grelhas.

Fornos contínuos de cozimento de sardinhas pelo ar quente.

Patentes N.º 20.618 - 20.619 - 20.874 e 22.868

VANTAGENS:

- a) economia de 15 % de mão de obra e de 40 % de sal.
- b) melhoria em qualidade e sabor do peixe, suprimindo inteiramente a sardinha mole, gretada ou partida como sucede com o cozimento pelo vapor.
- c) possibilidade de enlatamento rápido, por sair o peixe seco, rijo, facilitando a manipulação.
- d) melhor aspecto da sardinha, ainda que não tenha escamas.

Massó Hermanos S. A.

VIGO - HESPAÑA

REPRESENTANTES EM PORTUGAL:

Adão Polónia & C.ª, L.ª

MATOZINHOS





Economia e Finanças ~

O Orçamento do Estado para 1947 e o significado das suas principais verbas

Pelo Dr. Filomeno Lourenço Sousa Leite

Foi publicado o Orçamento geral do Estado para o ano de 1947, em cumprimento da lei N.º 2019, de 28 do mês findo.

Instrumento fundamental da Administração Pública, julgamos de interesse para os leitores desta revista, na sua grande maioria industriais e contribuintes do Estado, o conhecimento das principais receitas e despesas que ele insere e do que significam no tocante ao desenvolvimento dos serviços e ao fomento do País.

Em continuação da rigorosa política de equilíbrio das Contas Públicas, seguida com pertinência desde 1928, o Orçamento elaborado para 1947 apresenta um saldo positivo de 900 contos, que resulta do excesso de 5.274,6 milhares de contos de receitas totais sobre os 5.273,7 milhares de despesa totais.

RECEITAS

	Milhares de contos
Ordinárias	3.466,3
Extraordinárias ..	1.808,3
Total....	5.274,6

DESPESAS

	Milhares de contos
Ordinárias	3.453,7
Extraordinárias ..	1.820
Total....	5.273,7

Como tem acontecido, o *superavit* final a apurar na Conta de Gerência ultrapassará largamente os simbólicos 900 contos do saldo orçamental, já porque as Repar-

tições e os outros departamentos do Estado só podem aplicar, em regra, 90% das verbas inscritas para material, já porque o cálculo das receitas ordinárias se costuma basear em prudentes médias das cobranças dos anos transactos.

As despesas autorizadas para o corrente ano em comparação com as doutros anos anteriores

O montante das despesas públicas fixadas para 1947 é 2,2

vezes superior aos 2.397 milhares de contos das despesas electivas do ano de 1939, e para tal concorreram em grande escala as transformações profundas que a guerra imprimiu á vida económica e financeira da Nação.

Apesar de toda a severidade na aplicação dos dinheiros do Estado, as despesas com os serviços públicos subiram gradualmente, quer em razão dos aumentos dos preços dos materiais e das melhorias concedidas ao funcionalismo, que já hoje somam 400 mil contos, quer por novas dotações orçamentais que o Governo se viu obrigado a inscrever em face das imperiosas necessidades da defesa e preparação militar do País.

Patenteia-se no quadro que segue a evolução que tiveram desde 1939 até ao presente as despesas feitas com os serviços dos Ministérios:

(Em milhares de contos)

DESPESAS TOTAIS

	Effectivas			Autorizadas	
	1939	1942	1944	1946	1947
Ministério das Finanças					
Dívida pública.....	294	317	366	389	423
Encargos gerais.....	186	200	209	258	300
Serviço próprio.....	193	178	305	391	351
Ministério do Interior.....	201	220	300	380	442
Ministério da Justiça.....	45	52	68	89	109
Ministério da Guerra.....	441	988	1.071	786	834
Ministério da Marinha.....	215	214	266	350	506
Ministério dos Neg. Estrangeiros.	33	36	39	87	73
Ministério das Obras Públicas....	505	443	580	1.105	1.025
Ministério das Colónias.....	29	19	21	59	78
Ministério da Educação Nacional.	193	204	257	307	354
Ministério da Economia.....	-	82	109	180	273
Ministério do Comércio e Indústria (extinto depois de 1939).....	14	-	-	-	-
Ministério da Agricultura (extinto depois de 1939).....	18	-	-	-	-
Ministério das Comunicações.....	-	-	-	-	506
Totais.....	2.397	2.953	3.681	4.381	5.274

A maior parte do agravamento que se nota nas despesas públicas, entre os anos de 1939 e 1945, tem a sua origem no reforço das verbas destinadas à defesa e segurança do País, que se elevaram aos seguintes milhares de contos:

Anos	Rearma- mento	Despesa excepcional da guerra e outras	Total
Efectivas			
1940	222	43	265
1941	488	197	685
1942	392	341	733
1945	736	475	1.211
1944	259	507	766
Autorizadas			
1945	312	387	699
1946	297	232	529
1947	553	111	664

As despesas realizadas com as obras de fomento sofreram reduções, como se verifica, no período das hostilidades, o que tem a sua explicação nas dificuldades, algumas ainda hoje operantes, que impediram a aquisição nos países fornecedores das matérias primas, maquinaria e utensilagem para as indústrias nacionais. Porém, terminada a guerra, regista-se um incremento bastante apreciável das verbas autorizadas.

Despesas extraordinárias com o fomento do País

Anos	
Efectivas	
1940	235 mil contos
1941	181 " "
1942	189 " "
1943	181 " "
1944	223 " "
Autorizadas	
1945	550 mil contos
1946	835 " "
1947	1.156 " "

As despesas ordinárias orçamentadas para 1947 excedem as de 1946 em 436 milhares de contos, dos quais o aumento do

subsídio eventual abonado aos servidores do Estado pelo decreto-lei 35.886, de 1 de Outubro do ano findo, absorveu 169.600 contos. Os restantes 266,4 milhares de contos de aumento das referidas despesas têm compensações de receitas na importância de 74,1 milhares de contos, pelo que os acréscimos de dotações para os serviços dos Ministérios se resumem a 19,3, dos quais cabem mais destacadamente:

ao do Interior 48,6
ao das Obras Públicas . . . 27,5
ao da Educação Nacional . . 24,1
ao da Guerra 16,4
ao da Marinha 13,7

Puderam assim ser elevadas as dotações dalguns importantes serviços públicos com mais as seguintes verbas:

os serviços de assistência e saúde respectivamente com 20.000 e 9.200 contos:

a Guarda Nacional Republicana e a Polícia de Segurança Pública com 11.000;

o ensino primário, técnico e liceal respectivamente com 5,3, 2,3 e 2,3 milhares de contos:

Ao novo Serviço Meteorológico Nacional do Ministério das Obras Públicas dedicaram-se, 7.300 contos e à Direcção Geral da Aeronáutica Civil 5.000 contos:

Para melhoria das verbas da alimentação das praças destinaram-se, no Ministério da Guerra, 12.000 contos e no da Marinha cerca de 5 mil.

As receitas previstas para 1947 e as causas do seu aumento

As receitas ordinárias previstas para o ano de 1947 são um pouco mais de 1,5 vezes mais elevadas que as cobradas em 1939. Não cresceram, portanto, nesse espaço de 7 anos, na mesma proporção do agravamento sofrido pelas despesas ordinárias que foi de 2,2 vezes.

Do exame às variações que experimentaram os diferentes capítulos das receitas, constantes do quadro junto, conclue-se:

1.º que, em 1947, acham-se aumentados na proporção em que o foram as despesas ordinárias os réditos provenientes dos regimes tributários especiais, os do domínio privado e os reembolsos e reposições;

2.º que excedem essa proporção as consignações de receitas;

3.º que não a atingiram ainda os impostos directos, os impostos indirectos, os rendimentos de diversos serviços e os rendimentos de capitais.

(Em milhares de contos)

RECEITAS ORDINÁRIAS

	Cobradas			Previstas	
	1939	1942	1944	1946	1947
I — Impostos directos gerais...	727,9	1.112,1	1.331,2	1.074	1.149
II — Impostos indirectos...	868	1.083,5	997,2	992	1.154
III — Regimes tributários especiais.....	93,1	173,6	203,4	183	203
IV — Taxas — Rendimentos de diversos serviços.....	156,6	174,6	214,6	196	216
V — Domínio privado.....	131,7	193,5	236,4	183	280
VI — Rendimentos de capitais...	9,8	8,9	9,3	9	8
VII — Reembolsos e reposições..	127,4	138,1	207,3	225	280
VIII — Consignações de receitas..	54,5	81,9	123	156	176
Totais.....	2.169	2.966,2	3.322,4	3.018	3.466

(Continua na pág. 24)

A INDÚSTRIA INGLESA DO ARENQUE

PLANEIA O SEU DESENVOLVIMENTO

A Inglaterra está dedicando a maior atenção ao desenvolvimento da indústria do arenque, quer na pesca, quer na conserva, com o objectivo não só de satisfazer as suas necessidades de consumo, como também de imprimir um grande impulso à sua exportação.

O *Herring Industry Board* (Conselho da Indústria do Arenque) apresentou ao Governo um plano de vastas realizações de que damos a seguir os tópicos principais:

A reorganização e o desenvolvimento devem ser planeados como uma única operação. Cada área de pesca deve ser tratada como uma unidade separada e desenvolvida economicamente para abastecer os mercados que mais convêm à sua situação geográfica e à natureza da sua pesca.

O objectivo das propostas do Conselho é de obter um máximo de produção, sem práticas restritivas ou «dumping», mas com um máximo de vendas e de estabilidade de preços. Para atingir este objectivo, precisa a indústria ter, sobretudo, um mercado capaz de absorver diariamente quantidades substanciais de arenque.

O Conselho encara a necessidade da pesca ser realizada principalmente por uma frota moderna de 1.000 barcos, além das embarcações mais pequenas que se podem dedicar a certas pescas especializadas e locais. Esta frota empregará cerca de 12.000 pescadores.

A produção é calculada aproximadamente em 3.000.000 de «crans» por ano. Este é o quantitativo que o Conselho planeia atingir em 1951 e que representa o dobro da quantidade pescada em 1938.

O Conselho propõe enviar o aren-

que para os mercados actualmente desprovidos ou insuficientemente abastecidos. A congelação rápida torna possível a distribuição pelos mercados nacional e estrangeiros inacessíveis neste momento. Esperam-se grandes progressos nos transportes com baixa temperatura, quer por caminho de ferro quer por estrada. A congelação rápida abriu a possibilidade de conservar «stocks» substanciais de arenque pescado no verão e no outono para serem depois consumidos nos mercados nos meses de escassez.

O consumo no país do arenque fresco podia ser aumentado para 450.000 «crans» anualmente, com outros 450.000 «crans» de «Kippers», e arenque fumado. Uma melhor qualidade de «Kippers» faria aumentar os pedidos do estrangeiro e alcançar, juntamente com o arenque de congelação rápida, uma exportação de 150.000 «crans».

A falta de aduelas e o aumento do custo na produção de barris devem encorajar as experiências para se obter uma outra embalagem que possu ser usada no arenque fumado. Nos dias em que haja grandes quantidades de peixe descarregado, aproveitar-se-ão os serviços de mulheres casadas e pessoas de idade inscri-



tas para o trabalho de fumagem e que normalmente não são utilizados.

As flutuações nas quantidades de peixe que se descarregam, não podem ser evitadas. Desde que a fumagem não seja suficiente para absorver todas estas quantidades, surgirá o problema, de maior magnitude do que nunca, de saber qual o destino a dar aos excedentes do arenque. Estes excedentes são uma fonte nacional muito valiosa de óleo comestível. O processo de extracção é simples e novos métodos estão presentemente a ser examinados para tornar a operação mais eficiente e menos dispendiosa. Os resíduos têm uma alta percentagem de proteína que serve para a alimentação do gado.

As fábricas de farinha e óleo de peixe podem absorver suficiente matéria prima para manterem a produção seguida durante 5 dias e darem ainda um prodluto de primeira qualidade.

Estudos intensivos podem ainda alongar o período de conservação e aumentar além disso a flexibilidade do processo. Espera-se que seja possível fabricar um produto próprio para o consumo humano, principalmente nas regiões tropicais aonde a falta de proteína é muito grande.

O objectivo é de apresentar um programa de reorganização e desenvolvimento, aceito por todos os interessados, mas o relatório acentua a necessidade de «disciplinar como consequência da compreensão de que os problemas da indústria são comuns a todos os sectores».

A Inglaterra é pois, pelo que neste plano se verifica, mais um país, a juntar a tantos outros, que, depois da guerra, se lança intensivamente na exploração das riquezas icticas dos seus mares, até então abandonadas ou rudimentarmente aproveitadas, utilizando os processos mais modernos para conseguir um maior rendimento em benefício do consumo nacional e obter, ao mesmo tempo, produtos de primeira qualidade para a exportação.

A INDÚSTRIA DA SALGA

Diz, e muito bem, o Ex.^{mo} Sr. A. Mora, em artigo anterior nesta revista, que precisa encarar-se de frente e muito especialmente sob o aspecto corporativo, a situação da Indústria da Salga.

Penso eu, e creio que seja o pensar de todos os meus colegas nesta indústria, que nunca melhor que agora se verificou a absoluta necessidade de o fazer.

E' voz corrente, quase «slogan», que a Indústria da Salga tem os seus dias contados, que está morta, que tem de procurar nova vida, etc., etc., etc.

Sou industrial dos mais novos, tenho-me dedicado com atenção a esta indústria, tenho estudado o seu passado, presente e futuro, e se me permitem os pessimistas, não penso do mesmo modo!...

Observo, sim, que a referida indústria apesar de atravessar neste momento uma crise alarmante, ainda não morreu... e, nem deve morrer, pois pode ser muito útil á economia da Nação.

Precisamos sim, todos, governantes e governados, deligenciar com urgência resolver a situação presente, encarando-a de frente, para ver os seus males e necessários remédios; como aliás se procede sempre em casos semelhantes.

Digo que pode ser muito útil á economia da Nação, porque não há, nem é fácil organizar-se outra indústria que a substitua nos momentos em que a pesca de certas espécies morre com abundância, o que sucede quase todos os anos.

Creio, portanto, que a Indústria da Salga não está morta nem pode morrer enquanto se não descubra e instale em Portugal outra mo-

dalidade de conservação de peixe para a alimentação em quantidades, que possa absorver os excessos nos momentos em que a abundância da pesca sobrepõe as necessidades da indústria dos molhos e do consumo.

Pessoalmente penso mais que, a Indústria da Salga precisa, sim!:

1.º — Resolver a situação angustiosa que atravessa, fazendo com que os poderes públicos actuem com a máxima urgência a conclusão do futuro *Tratado de comércio com a Itália*, pois é este o mercado de Salmouras por excelência que tem condições de absorver as consideráveis existências actuais, como se carece.

2.º — Organizar corporativamente a Indústria da Salga, pois não faz sentido — como muito bem diz o Sr. Mora — que não tenhamos representação no Conselho Geral do I. P. C. P., para que, sempre que os nossos interesses são discutidos, possam ser analisados e defendidos, como só os industriais exclusivamente da Salga podem e devem fazê-lo.

A constituição de Grémio ou Grémios próprios é uma necessidade absoluta, pois julgamos estar fora de toda a lógica a opinião de determinados sectores afirmando, que não devem haver outros Grémios de Conservas de Peixe além dos que existem, e baseando esta afirmação com o argumento de que se trata de uma e mesma indústria.

Em resposta ousamos recordar, como é que se permitem na indústria da pesca quatro Grémios independentes — Bacalhau, Ar-

rasto, Sardinha e Baleia —, nas mercearias, os Grémios de — Armazenistas e Retalhistas —, nos vinhos, nas frutas, etc., etc., procedimentos semelhantes.

Também é opinião, naturalmente dos mesmos sectores, que não temos número suficiente de industriais para manter Grémios.

Rebatemos semelhante afirmação afirmando que há em Portugal Grémios de outras actividades que reúnem um número consideravelmente inferior de sócios em relação áquele que temos facilidade de reunir.

Precisamos, portanto, de legalizar a nossa situação corporativa, e esperamos que o I. P. C. P., digno defensor de toda a indústria de conservas, resolva o pedido que nesse sentido lhe foi apresentado com caracter oficial por todos os industriais de Salga.

3.º — E último, que se organize uma assistência técnica aos industriais da Salga, como se fez aos dos molhos, fiscalizando rigorosamente tudo que se prepara, quer na embalagem quer na exportação.

Que se proíba o trabalho nas fábricas que não têm condições higiénicas para o fazer.

E creio que desta maneira se acabaria com outro dos males que existe na Indústria da Salga, ou seja: os desmandos verificados na preparação.

Não são de difícil realização, em meu modo de ver, os objectivos apontados.

Os beneficios, esses sim, posso já avaliá-los bem! Resolveriam a maneira de dar escoamento ás existências acumuladas, tornariam mais efficientes no futuro a nossa situação corporativa, e faria entrar em rumo firme as fabricações.

Dando satisfação a estas aspirações, depressa observaremos que a Indústria da Salga, não morreu, nem pode morrer...

João Baptista Brito

RECORDANDO...

Era fatal! Uma vez que o Mundo vai regressando, embora paulatinamente, à normalidade, os Contratos Colectivos tinham de desaparecer para dar lugar às livres normas de comerciar. Livres, até certo ponto, evidentemente, pois sabemos todos que há países onde a liberdade de comércio está condicionada, ou por fixação de preços no mercado interno, ou por licenças de importação que nalguns nem sequer são concedidas para conservas de peixe.

A indústria, dum modo geral, mostra-se apreensiva quanto ao futuro. Desapareceram, para voltarem sabe-se lá quando, mercados muito importantes da Europa Central: Alemanha, Austria, Polónia e Checo-Slováquia. A própria França, habitualmente nossa grande compradora de conservas, parece não poder tão cedo voltar a ocupar a posição proeminente que tinha antes da guerra. O que fica é bem pouco se voltarmos os olhos somente para os mercados tradicionais; poderá ser muito se olharmos para horizontes mais vastos. Já temos ouvido falar da Índia, da Austrália, da Nova Zelândia, da China, etc., países vastíssimos onde a nossa produção de conservas seria como que gota de água na imensidade das suas populações. A própria América do Norte (é já lugar comum afirmá-lo) tem capacidade para absorver muito mais do que produzimos.

Será assim. Mas a propaganda? Quem a pode fazer isoladamente? E missões comerciais? São, pois, justos os alarmes da indústria quanto ao futuro e isso mesmo é reconhecido pelas altas esferas que recomendam o estudo rápido de medidas atinentes a impedir que venhamos a cair na situação catastrófica em que nos encontra-

vamos no começo da guerra em 1939.

Parece haver quem, sendo desse tempo, se tenha esquecido daquela situação; outros há que tendo vindo no tempo das «vacas gordas», a ignoram por completo. A uns e outros será bom lembrar que foi necessário um grande cataclismo, a guerra com todos os seus horrores, para salvar da falência ou de liquidações forçadas, uma grande parte dos industriais de conservas, que então já tinham esgotado todos os seus recursos económicos e financeiros e nem já dispunham do crédito. Sabemos, e todos sabem, de algumas fábricas com boa maquinaria e vastos edificios que se ofereciam por preços de verdadeira pechincha, e ninguém comprava. Era necessário dismantelar a unidade industrial, vender aqui e além algumas máquinas, das melhores, deitar o resto para a sucata e abandonar os edificios, que em certas localidades não tinham nenhum valor comercial ou industrial. Ter-se-à esquecido tudo isto e o mais que propositadamente se omite? Ou esperar-se-à que um novo cataclismo nos venha salvar?

Outra questão a ter em conta é a concorrência doutros países: a Espanha, a França, Marrocos, Noruega, Brasil, Chile, Peru, Venezuela, etc., etc. Todos se preparam para pôr em forma a sua indústria, desenvolvendo-a para o abastecimento interno e para a conquista de mercados externos. A luta de preços voltará a ser grande; teremos de ser ajudados, desonerando-se a actividade conserveira de muitos dos encargos que hoje a sobrecarregam e preparando-se a indústria para uma produção cada vez maior e mais económica.

A exportação de conservas é

um valor enorme na nossa balança comercial, que ao Governo certamente interessa defender. O Doutor Oliveira Salazar escreveu no seu já célebre Estudo de 1931.

«As conservas são um dos maiores e por vezes o maior valor da nossa exportação».

O Conselho Geral do I. P. C. P. nomeou, na sua última reunião, uma Comissão de três membros (representantes dos Grémios do Norte, Setúbal e Exportadores) para estudar as medidas que se impõem para defesa da indústria e comércio das conservas de peixe. Trabalho complexo, difícil e delicado, êle não pode ser, exclusivamente, obra de três pessoas. É necessário que todos os industriais através dos seus Grémios auxiliem a dita Comissão, apresentando trabalhos completos ou simples sugestões e alvitres. Em última análise, as Assembleias Gerais dos Grémios terão de reunir e discutir com tempo e calma as conclusões a que se chegar, pois o problema é bastante transcendente. Disse o Doutor Oliveira Salazar no Estudo a que atrás nos referimos:

«Para pôr em execução estas idéias ou as que em definitivo venham a ser julgadas mais conducentes à consecução dos fins que se têm em vista, há de ser preciso usar da autoridade do Estado e dispor da boa vontade dos que vivem da indústria e são os primeiros interessados no seu progresso. Sente-se que é precisa a colaboração de muitas inteligências, de muitas vontades, de vários serviços públicos, trabalhando num plano único para uma finalidade conhecida.

.....
Passando em revista os projectos da Bôlsa das Conservas e Entrepasto Comercial, parece-nos que não satisfazem completamente e que alguma coisa de novo há a fazer em face da experiência dos últimos anos. Uma coisa é certa:

(Continua na pág. 25)

NO desejo de darmos a nossa modesta e desinteressada colaboração para o esclarecimento do problema que neste momento está preocupando a nossa indústria, o do seu futuro sistema comercial de vendas, publicámos nos últimos dois números desta revista um estudo sobre uma organização que tem por base, como elemento regulador, a realidade, que já deu as suas provas, e sobre a qual assentou, nos últimos 5 anos, a quase totalidade da produção e comércio das conservas — a Marca Nacional —.

A questão da estrutura comercial a dar às nossas relações com os mercados compradores sendo, inquestionavelmente, das mais importantes, não é, porém, a única de que depende o sucesso da colocação das nossas conservas no estrangeiro na luta de concorrência e da conquista dos mercados. Outros elementos, também importantes, têm que ser considerados e estudados, porque todos eles são interdependentes e só pela sua união é que se conseguirá a valorização do todo que, no caso presente, é representado pelo produto fabricado.

De pouco ou nada servirá termos uma organização de vendas modelar, se a qualidade da conserva não for impecável, o preço acessível e os mercados não estiverem suficientemente alargados para absorverem a nossa produção.

Entre esses outros elementos cujo estudo consideramos indispensável para a solução cabal do problema das conservas, destacamos, em primeiro lugar, a pesca.

O preço da sardinha é já hoje demasiado caro e em breve será insuportável para que a indústria das conservas o possa pagar em condições de poder competir com o de outras espécies similares estrangeiras. O «pilchard» da Califórnia, por exemplo, vende-se fresco a 30 dolares a tonelada, o que representa 75 centavos da nossa moeda cada quilo. Comparado com o preço da nossa sardinha, a disparidade é enorme. Pode objectar-se que a qualidade é diferente. Decerto é. Mas não devemos também esquecer que teremos que fazer frente às nossas qualidades correntes às conservas de «pilchard» em muitos mercados, como, por exemplo, os da América do Sul, que são hoje para nós, dado a exiguidade de mercados europeus de que dispomos, muito importantes, e os de África, como o Egipto, aonde já antes da guerra o «pilchard» tinha expulsado as nossas sardinhas e os nossos carapaus, em virtude da grande barateza dos seus preços.

Outras indústrias concorrentes, como a norueguesa e a marroquina, têm os preços do peixe extraordinariamente vantajosos. Os pescadores franceses abandonaram o velho sistema de pesca de rede de emalhar que encarecia a sardinha pela sua escassez, para adoptarem os processos modernos de exploração que permitem à indústria de conservas francesa ter matéria prima abundante e a preços favoráveis. A indústria espanhola encontrará, também, na abundância da pesca que em poucos anos duplicou, a possibilidade de preços baixos para as espécies industriáveis.

A indústria da pesca portuguesa precisa de ter uma exploração mais económica e capturas mais regulares e substanciais, para poder melhor servir a indústria das conservas. É evidente que terá que ser remodelada. Está indicado o emprego de unidades de maior raio de acção que vão buscar a sardinha aonde ela se encontra,

com aparelhagem frigorífica para que o peixe possa chegar à lota nas melhores condições de frescura, máquinas de propulsão mais moderna e económica, e a utilização dos novos meios de progresso que depois de terem servido na guerra são agora aplicados na indústria da pesca, como o Radar e o Asdic que por meio de ondas herzianas, o primeiro, e de ondas ultra-sonoras, o segundo, descobrem e fixam a posição dos cardumes. Os industriais de pesca lerão, pois, que estudar quanto antes estes problemas para os resolverem de acordo com as necessidades impostas pelas novas condições do após-guerra aos industriais conserveiros, os únicos que lhes podem dar uma garantia sólida da continuidade da sua indústria.

A cooperação íntima das duas indústrias, num entendimento sem egoismos nem más vontades, é indispensável para que o País possa usufruir os benefícios da grande riqueza que a Mãe-Natureza espalha com prodigalidade e carinho por

UM PRO

toda a costa portuguesa e que não pode ser nem egoistamente explorada por uns, nem levemente desbaratada por outros, porque é um Bem que pertence à Nação.

Como complemento da pesca, quer para a defesa da sua qualidade, base essencial para uma boa conserva, quer para a sua valorização nos períodos de grande abundância, ou ainda para uma melhor distribuição, é indispensável a montagem de câmaras frigoríficas nos centros piscatórios e de vagões e camiões frigoríficos e isotérmicos que juntamente com os barcos frigoríficos constituirão a cadeia frigorífica da pesca.

Outro elemento a considerar no problema que estamos analisando, é o azeite. Um bom azeite valoriza toda a conserva de peixe, mesmo a mais mediocre. Uma parte, porém, da nossa produção oleícola não satisfaz cabalmente esta condição, deficiência que a indústria de conservas supre importando o azeite de que carece.

O triunfo da nossa conserva em concorrência com as suas congêneres estrangeiras, depende não só duma boa sardinha, mas também da qualidade do seu molho. Este assunto tem, pois, que merecer a atenção imediata das entidades a quem compete a sua solução, afim de se evitarem as importações onerosas para a indústria de conservas de peixe.

Os encargos que sobrecarregam a nossa exportação são

elevados e têm que ser revistos. Antes da guerra a indústria pagava uma taxa de \$25 por quilo de conserva de sardinha para a Organização. Depois da guerra esta taxa duplicou, aumentada ainda com os direitos de exportação cobrados pelo Estado de \$37 cada quilo de conserva. A indústria de conservas paga hoje cerca de Esc. 23\$00 por cada caixa de 20 quilos exportada, o que é muito, se atendermos a que as indústrias nossas principais concorrentes de Espanha, França, Noruega e América do Norte, não pagam direitos de exportação. Um encargo de cerca de 1 dólar ou quase 5 chelins por caixa que os nossos concorrentes não têm, dá a estes uma vantagem considerável sobre nós na luta para a conquista dos mercados. Há a necessidade de regressar quanto antes aos encargos de antes da guerra que era de Esc. 5\$00 por caixa, formato base. O sr. Ministro das Finanças no relatório que acompanha o Orçamento Geral do Estado para o ano de 1947 diz, quando se refere às taxas dos direitos de exporta-

GRAMMA

ção, que tende a restabelecer-se a situação anterior à guerra e que será em breve oportuno fazer a cuidadosa revisão de alguns regimes. O que criou os direitos de exportação às conservas, é um dos que deve ser rapidamente revisto para ser eliminado.

A concentração industrial das pequenas unidades é outro elemento que tem que ser encarado com o fim de evitar o descalabro a que essas pequenas empresas estão ameaçadas, por lhes vir a faltar, mais tarde ou mais cedo, os recursos financeiros adequados e os meios suficientes de produção e de administração, e as suas consequentes repercussões nos mercados compradores através das ofertas das suas mercadorias ao desbarato.

Há também a considerar a instalação de Centrais de Vazio para se obter um abaixamento do preço do seu custo em benefício do preço da conserva, reservando-se devidamente os justos interesses das empresas privadas existentes e dos operários que nelas trabalham.

Outro elemento a atender é a colaboração da ciência com a indústria. A investigação científica na indústria das conservas está desenvolvendo uma grande actividade nos países nossos grandes concorrentes, como a América do Norte e a Noruega, e noutros de menor importância, como a Dinamarca e a Suécia.

O laboratório de Stavanger, na Noruega, tem no seu

quadro de pessoal técnico, químicos, físicos, biólogos e engenheiros de máquinas que visitam continuamente as fábricas, dando conselhos, instruindo e colhendo, ao mesmo tempo, elementos de estudo. É neste sentido prático, de interesse imediato para a indústria, num contacto íntimo entre a técnica e a ciência, que precisamos também orientar a actividade do nosso laboratório.

Importante, também, dentro deste conjunto que estamos a parcelar, é a criação de cursos de especialização e aperfeiçoamento para mestres e operários das fábricas, em que estes poderão adquirir os conhecimentos técnicos que substituindo os velhos processos rotineiros e desta forma valorizando-se, contribuirão proficentemente para o progresso técnico da indústria das conservas de peixe.

Outro elemento essencial, é a expansão dos mercados já existentes e a conquista de novos.

Já aqui dissemos em artigos anteriores que em virtude das circunstâncias originadas pela guerra, perdemos alguns dos nossos mais importantes mercados na Europa que representam, no total, 35%, 76% e 86%, respectivamente, das nossas exportações anuais de sardinha, atum e salgas. Temos que diligenciar a alargar os mercados que nos restam e criar outros, se quisermos manter a nossa produção de conservas nos níveis actuais. Para isso será necessário uma acção porfiada de delegados competentes nos países aonde for conveniente fazer-se um trabalho de infiltração dos nossos produtos. Esse trabalho precisa nalguns mercados, para ser eficaz, de ser impulsionado por essa formidável alavanca que é a propaganda. Na América do Norte, por exemplo, não poderemos esperar ultrapassar o limite atingido nas épocas normais pelas nossas conservas, só pelos seus próprios recursos, das 125/150.000 caixas, se não lhe adicionarmos a propaganda. Foi assim que a indústria norueguesa conseguiu alcançar cifras importantes de venda através de todo o país, ao passo que as nossas conservas, sem qualquer outro meio de divulgação além da sua qualidade, fizeram sempre confinadas ao Estado de Nova Iorque. E compreende-se que assim seja, porque a mulher americana pelas condições da sua vida de trabalho, não tem tempo para pensar nas ementas que lhe são dadas, todas as manhãs, pela rádio ou pelo seu jornal. Estes, porém, só mencionam os alimentos que estão a ser reclamados, donde se conclue que as conservas portuguesas, sem propaganda, nunca são lembradas nesses «menus». O mesmo se pode dizer quanto à expansão das nossas conservas no mercado inglês.

Seja qual for, pois, a organização comercial que se quiser estabelecer para a nossa indústria, terá que se usar a propaganda como um dos melhores auxiliares do seu êxito.

Estes são, em linhas esquemáticas, os elementos que em nossa opinião devem ser estudados para serem integrados num plano de conjunto de que a organização comercial é uma parte, embora, certamente, muito importante.

Todos eles conjugados é que tornarão possível uma qualidade excelente, um preço razoável, mercados suficientes e um sistema eficaz de vendas para as conservas de peixe portuguesas.

J. S.

ALBERTO SOARES RIBEIRO, L^{DA}

CASA FUNDADA EM 1911

100, Rua Aurea, Lisboa, Portugal.

FABRICANTES
EXPORTADORES

DE TODAS AS ESPÉCIES DE
CONSERVAS DE PEIXE

NAS MARCAS REGISTRADAS

Gizela — Gold Leaf — Gold Coin — Alsori
The Argonauts — My One — Baisers du Portugal

DISTINTIVO DE QUALIDADE



FÁBRICAS EM SETÚBAL E OLHÃO



História da vida das sardinhas

pele DR. ALFREDO DE MAGALHÃES RAMALHO

Não é de hoje nem de ontem, pois vem já de tempos muito recuados, a preocupação de não empobrecer, por uma colheita demasiada, os recursos naturais que são um dos fundamentos essenciais das próprias indústrias piscatórias. De aí: vedas, defesos e outras variadas restrições impostas pela legislação dos Estados interessados ou até por tratados e convenções internacionais. A intenção merece aplausos, mas tem de assentar num conhecimento bastante exacto dos factos em cada caso particular para que tenha eficácia quando transportada para a prática concreta. Tem acontecido, com efeito, que ora as medidas postas em vigor são excessivamente protectoras, prejudicando assim o exercício e desenvolvimento possíveis da pesca; ora insuficientes ou anodinas e, portanto, incapazes de darem qualquer resultado apreciável. Mas este problema de uma protecção adequada dos recursos naturais existentes no mar surge sempre que uma pescaria qualquer tende a tomar, ou de facto toma, proporções consideráveis.

Por isso deve estar sempre na mente de legisladores e industriais para se procurar a sua solução enquanto se estiver a tempo de o estudar com vagar e cautela, e não tarde e a más horas, quando se tiver agravado e somente se puder enveredar um pouco á toa pelos remédios revulsivos.

No caso do nosso país e no que respeita à sardinha, por exemplo, já por mais de uma vez a questão tem sido levantada e debatida. Tem-se afirmado que a pesca desta espécie tomou uma tal extensão e intensidade ao longo da nossa costa que se corre o risco de desfalcar o «capital biológico» que ela constitui, em vez de se utilizar apenas o seu «juro natural», relevem-se as expressões metafóricas. São ou não fundados tais receios? Por mim, confesso que não me atrevo ainda a dar uma resposta cabal e categórica. Não conheço, infelizmente, aqueles dados e elementos estatísticos que se me afiguram indispensáveis para formar uma opinião bem segura. Escusado será frisar que me estou referindo agora apenas aos aspectos biológicos do pro-

blema, e não aos económicos e sociais que não estou considerando aqui, apesar de, evidentemente, lhes reconhecer a maior importância para o caso. Creio que seria da maior conveniência colher e reunir entre nós os dados e elementos estatísticos em questão, analisá-los com o maior cuidado e critério, numa palavra acompanhar a história do que se está passando com olhos imparciais e isentos de preconceitos científicos, económicos ou regulamentares do passado.

No que respeita à «sardinha da Califórnia» o assunto tem sido objecto de atenção e de pesquisas sistemáticas desde há quase uns trinta anos. Tentarei resumir o resultado dos trabalhos da naturalista americana já citada em artigos anteriores, a Dr.^a Frances N. Clark, por se me afigurarem interessantes e sugestivos para nós, portugueses.

Um ponto que os serviços californianos abordaram pode exprimir-se nesta pergunta: qual é a ordem de grandeza numérica da «população» de sardinhas sobre a qual incide a pesca e qual a per-

centagem de «extracção anual» a que está submetida? A resposta a tão atrevida questão foi dada recentemente (1945) e pode ser expressa em poucas palavras: o número de «sardinhas da Califórnia», com tamanho comercial, existentes na área da respectiva distribuição geográfica foi estimado em uns 9 biliões; a extracção anual média em uns 4,5 biliões, representando assim metade da população total explotável. Desta extracção a Califórnia fica com a maior parte, mais de nove décimos da total que abrange ainda a dos Estados de Oregon, Washington e a Província canadiana da Colúmbia Britânica.

Dito isto assim condensadamente, sem mais explicações, pode parecer que se trata de fantasia ou mero resultado de adivinhação; mas pode ver-se que de tal se não trata quando se souber por que caminhos se chegou á conclusão enunciada.

Mais uma vez vem a terreno a marcação de sardinhas de que me ocupei já em artigos anteriores nesta revista. O método seguido é simples nas suas linhas gerais, mas a execução de todas as operações e cálculos necessários, é complicada por causa de haver que determinar ou estimar variados factores e elementos de correcção.

A ideia fundamental é a seguinte: Se fôr conhecido o número de sardinhas marcadas numa dada área e num dado ano, em lotes individuais ou agrupados, e se depois se conhecerem os números dessas mesmas sardinhas que forem sendo recapturadas em cada uma das temporadas seguintes, será possível calcular então as taxas de recaptura para os componentes de cada lote, ou grupo de lotes, na sequência do tempo, referidas ao número inicial de sardinhas marcadas. Este elemento, a taxa média de recaptura de sardinhas marcadas, é que vai permitir, numa segunda fase do trabalho, partir da produção total da pesca de sardinha em cada

temporada para se estimar o número total de sardinhas que constituem a «população» submetida á actividade das frotas pesqueiras.

Exemplifiquemos a primeira fase de operações num caso concreto, ainda que exposto apenas esquematicamente. Nos meses de Fevereiro e Março de 1938 foram marcadas 5 675 sardinhas no decurso de uma série de cruzeiros numa certa área ao largo da Califórnia meridional. Ainda durante a temporada de pesca em questão, a qual termina sempre em 31 de Maio, foram recuperadas 262 dessas marcas postas pouco antes. Nas temporadas seguintes, desde de 1938/39 á de 1942/45, recuperaram-se respectivamente 230, 71, 15 e 3 das marcas dos citados lotes. Estes são os dados brutos de observação. Vejamos agora como são tratados.

Em primeiro lugar terá de abater-se ao número registado de sardinhas marcadas o número «estimado» de sardinhas que morrem em consequência do acto operatório ou que perdem as marcas por expulsão secundária destas. No caso concreto a autora considerou como sobreviventes «iniciais» destas 5.675, apenas 3.589 exemplares. Em segundo lugar, corrigiu o número de marcas recuperadas em cada temporada, mediante os factores determinados directamente para cada caso individual, e relativamente ao maior ou menor grau de eficiência dos dispositivos electro-magnéticos que permitem recolhe-las. Assim os números acima foram transformados em, respectivamente, 577, 433, 151, 23, 10 e 5.

Com estes elementos «corrigidos», a autora tomou como número de sardinhas marcadas em 1 de Junho de 1938, início da primeira temporada de pesca que serve para os cálculos, o de 3.589 menos 577 igual a 3.012, e com os números de recapturas, também corrigidos como acima se apontou, determina por um

processo matemático que seria deslocado expor aqui, uma equação que representa a marcha seguida pelo número de sardinhas marcadas que ainda vivem em cada um dos momentos da vida do grupo considerado até praticamente este se extinguir por completo. No caso concreto presente, o resultado final dos cálculos deu as seguintes taxas em números redondos: Para a «mortalidade global», devida a todas as causas naturais e á pesca, 69 por cento por ano; para a «mortalidade devida á pesca» 40 por cento e, finalmente, para a «mortalidade natural» 48 por cento. Note-se que a taxa de mortalidade total não se pode obter simplesmente pela soma das duas taxas de mortalidade parciais; a relação que existe entre estas três grandezas é expressa por uma equação em que um dos termos é o produto das duas taxas parciais em questão.

Aqui, neste caso individual, a taxa de mortalidade devida á pesca, ou seja a «taxa de extracção», é de 40 por cento. Mas quando a autora reuniu todas as observações feitas para o conjunto da costa ocidental da América do Norte e abrangendo toda a área de distribuição geográfica da «sardinha da Califórnia», o número achado, com a significação portanto de uma média mais geral, foi de cerca de 50 por cento, como antes ficou dito.

Achada esta taxa média geral ou global, a segunda fase da tarefa é muito simples. Partindo da hipótese que essa taxa se aplica ao conjunto de toda a pescaria, e conhecendo pelas estatísticas a produção anual de sardinha em todas as regiões, expressa em toneladas, transforma esta em número de sardinhas mediante coeficientes adequados obtidos pela observação directa e, de tal número, por uma operação inversa, estima a «população» total de sardinha donde se fez a ex-

(Continua na pág. 24)

A INDUSTRIALIZAÇÃO DOS PAÍSES AGRÁRIOS

Os processos técnicos acompanhados do desenvolvimento económico que os estruturam, substituíram as formas naturais de produção por modos evoluídos de trabalho, embora em desníveis que resultam das condições inerentes a cada país ou cada região.

O sistema de economia urbana em que uma área de produção fornece meios indispensáveis a vida dos seus habitantes ou o sistema de economia natural não permitem o desenvolvimento industrial senão sob a forma artesanal e esta impossibilita, por sua vez, o desenvolvimento do comércio.

É certo que ainda constatamos em muitos países, mesmo nos mais desenvolvidos, processos rotineiros de produção ao lado das formas modernas, do mesmo modo que se registam dissimilhanças entre as nações industriais e os países de economia predominantemente agrário.

Tal facto não significa, porém, que a tendência registada não seja de ascenso contínuo na aplicação dos processos científicos no domínio industrial ou que indefinidamente se tenham de caracterizar as nações em produtoras de matérias primas, de géneros alimentícios, por um lado, e em nações industriais, cujo fim é transformar os produtos recebidos.

Alguns países mais desenvolvidos produzem em larga escala artigos manufacturados enquanto outros, que possuem as matérias primas, continuam sujeitos a relações económicas desvantajosas, quer fornecendo matérias primas

quer absorvendo estas sob a forma de produtos industrializados.

Mas o fenómeno que se constata, nesta fase económica que vivemos, tende a permitir o desenvolvimento interno dos países atrasados, a par do ascenso cultural e material dos habitantes.

Enquanto durante muito tempo a vida destas nações se traduzia por um aumento de produção de matérias primas destinadas aos países industriais, hoje começa-se a acentuar a constituição de indústrias nacionais que, aproveitando a riqueza do solo e a capacidade profissional dos seus habitantes, reduzem a influência estrangeira, diminuindo a extensão do «espaço vital» das grandes nações, em proveito das suas forças internas.

Nos países agrícolas acentua-se a deslocação dos interesses governativos para as zonas mais ricas, com o fim de aí estabelecer indústrias e de activar as formas de produção que tornem possível o usufruto da riqueza nacional pelos próprios nacionais.

Este facto traz consigo a aplicação de capitais de origem interna que vão influir no desenvolvi-

mento económico, ao mesmo tempo que suscitam, além fronteiras, por parte dos países industrializados, uma reacção que tende por vezes a impossibilitar os esforços dos países atrasados e coloniais para criarem a sua própria indústria.

Meios violentos são, nalguns casos, utilizados, como meios de solução, quando as ambições se não disfarçam por detrás de uma liguagem com que se preconiza o comércio livre a fim de se não perderem posições já conquistadas ou de se alcançarem novos mercados.

Apesar de tudo os progressos registados nos países dependentes acentua-se cada vez mais e pode-se dizer que a estrutura da economia mundial foi radicalmente mudada. Não só no Novo Mundo, os países tendem a adquirir uma independência industrial, como nos outros continentes e sobretudo na Europa, onde as nações fracas e atrasadas já alcançaram uma autonomia industrial e multiforme.

Estes países seguem o caminho traçado pelos Estados Unidos e pelas grandes potências no que concerne ao aprovisionamento do mercado interior e encontram a sua expressão na mudança registada na política comercial em que a forma livre cambista ou a invasão financeira e económica são substituídas por uma política de protecção industrial.

Enquanto outrora os representantes britânicos ou de outras nações se apresentavam na qualidade de mercadores ou de técnicos nos países agrícolas, para abastecerem a população ou aproveitarem as riquezas naturais, agora defrontam-se com uma indústria nacional coroada de sucesso e cuja ascensão se não efectua somente do ponto de vista técnico, mas no aspecto global da produção e da concorrência.

Os dados referentes à reparição e extracção de hulha refletem já, claramente, as modificações que se operaram na



repartição geográfica da indústria mundial.

Enquanto em 1900 a produção dos países industriais europeus era de 228 milhões de toneladas os países da Europa não obtinham mais de 31 milhões de toneladas nesse mesmo ano, em 1940, enquanto a produção dos países industriais subiu para 491 milhões, a dos países agrários alcançou 232 milhões.

Progressos semelhantes se registam noutras indústrias que, como a do algodão e da fabricação de outros tecidos, alcançam mais do dobro da produção no mesmo espaço de tempo nos países atrasados.

A industrialização nos países agrícolas não se realiza buscamente mas é a consequência por vezes de uma lenta elaboração que se escalona em várias fases de desenvolvimento. A primeira fase é caracterizada pela transformação de matérias primas agrícolas em produtos de exportação de maior valor e de mais fácil transporte, como sucede, por exemplo, com o açúcar.

Na segunda fase do desenvolvimento industrial surgem formas mais evoluídas de produção que se destinam a fabricar artigos que sirvam as necessidades internas, como sucede com o ramo da indústria textil e o do cortumes, que utilizam as matérias primas nacionais ou nalguns casos as importam.

Na terceira fase surge a indústria pesada e de construção de máquinas. Todas estas fases são acompanhadas de um conjunto de formas de organização económica a que não podem ser estranhas a riqueza natural do solo, a propagação de conhecimentos técnicos, a existência de operários qualificados idos de outros países, a acumulação de capitais e o desenvolvimento da técnica dos transportes.

A extensão dos caminhos de ferro e desenvolvimento da navegação a vapor nos países agrários teve consequências diversas sobre

o progresso da agricultura e da grande indústria. Nuns levou simplesmente a um poderoso aumento da produção cerealífera, que provocou a baixa de preço deste sector, enquanto noutros acompanhou os progressos da sua indústria e permitiu colocar a muitos quilómetros de distância os produtos laborados nos centros de produção.

Casos houve também, em que os transportes, alargando o seu raio de acção, serviram de veículo condutor dos produtos estrangeiros que exportados da Europa ocidental iam enfraquecer o desenvolvimento industrial dos países agrícolas. A acção dos transportes, contudo, favoreceu os diversos ramos da actividade económica das nações mais atrasadas e impediu a deslocação da indústria dos velhos centros industriais para outras regiões.

A estrutura da economia mundial, que subordinava aos países industriais do Ocidente as riquezas naturais dos países mais atrasados do ponto de vista técnico, começa a pretencer ao passado.

As nove décimas partes da população da terra que abasteciam em matérias primas e produtos alimentares as nações consideradas civilizadas, esforçam-se por conseguir a sua autonomia económica, evitando assim a sobrecarga da intervenção estrangeira.

Não se põe, neste momento, a

industrialização dos países agrícolas naqueles ramos de produção a que faltam as matérias primas nacionais, mas o aproveitamento das suas fontes de riqueza natural, a criação de uma indústria que desenvolva as relações económicas com o exterior, nos sectores em que a abundância de certos ramos de produção pode substituir a carência de outros.

As características analisadas durante o decurso desta última guerra mundial demonstram que o desenvolvimento industrial se operou de um modo diverso do que nos ofereceu a guerra de 1914-18 e levanta problemas inteiramente diferentes.

Durante a primeira guerra mundial a necessidade de artigos destinados ao consumo pessoal e a impossibilidade de os importar contribuíram para o desenvolvimento das indústrias que mais interesse ofereciam.

O último conflito, dadas as dificuldades económicas que ele gerou e as deficiências registadas no auxílio entre as nações depois de assinada a paz, acelerou a industrialização nos países de indústria média e nas nações atrasadas, facto que se irá reflectir mais intensamente na economia mundial e sobretudo na estrutura económica das grandes potências, onde uma crise de desemprego pode acompanhar uma baixa de consumo, nos anos que se avizinharam.

Este perigo começa a dividir-se com os riscos que lhes são inerentes. As alterações económicas trazem sempre consequências, e as actuais são de molde a permitir uma maior resistência às nações cuja base económica se destina a favorecer a sua independência política, em vez de servir um sistema material hipertrofiado que necessita de mercados para dar vazão aos seus produtos e se sente asfixiar na medida em que não circulam as mercadorias laboradas nas suas fábricas ou os seus artigos de consumo destinados ao exterior.



Colaboração Construtiva

TEORIA E TÉCNICA

É preciso, — dizia o sr. Ferreira Barbosa —, abandonar o excesso de teoria e dar princípio à execução das ideias que têm o seu natural desenvolvimento na vida prática.

A teoria não é fecunda sem a prática. Ambas constituem uma necessidade e uma correlação indispensáveis para o trabalho consciente.

A teoria, é um resultado obtido pela investigação, da qual se deduzem as regras de aplicação. Ela esboça e traça o plano, prevê, analisa, mas tem de se associar à prática para que os resultados sejam profícuos.

O ano de 1946 está a atingir o fim da sua rota, sem deixar a ninguém as mais leves saudades da sua passagem. Com ele morrem os contratos colectivos, que tiveram, aliás, a sua oportunidade, como todas as medidas de carácter especial — e com eles devem terminar, também, todas as medidas que manietam a indústria conserveira em seus movimentos de expansão e progresso. A liberdade de comércio deverá ser um facto real em 1947, nada existindo que nos demonstre a conveniência de restringir os mercados, nem o acesso a determinadas matérias primas.

A indústria, quando produz uma pequena parte da sua capacidade, como agora sucede, não pode recuperar as suas despesas e impostos, nem tão pouco pode atingir o desideratum, tão preconizado, de vender a preços reduzidos.

Vale bem a pena reflexionar um pouco a respeito do que deverá ser a produção futura, pois vimos acompanhando, desde há tempos, com a maior atenção, a maneira como os nossos concorrentes de vários países se preparam para normalizar a sua exportação e intensificar, ao mesmo

tempo, a pesca e produção de conservas.

Lutaremos, sem dúvida alguma, com dificuldades de vária ordem na aquisição de folha e molhos indispensáveis para uma produção próxima da normal, o que representa o aspecto mais delicado da questão.

No entanto, julgamos que já passou o tempo de estarmos dependentes da acção oficial, porque os motivos da sua intervenção oportuna, necessária e conveniente à colectividade, também já desapareceram.

A aspiração comum, dentro das possibilidades que nos concedam os compromissos de ordem estadística é, sem discussão, o regresso ao livre desenvolvimento do comércio conserveiro, isto é, a volta a pensar por conta própria, a dirigir os negócios sem mais tutela, além da que as leis orgânicas vinculam na sua letra; a não esperar que, nem comum, nem particularmente, apareçam os negócios feitos e preparados; a dar caminho à prática generosa e fecunda de apresentar a nossa actividade de trabalho e de nos permitir preparar os negócios com os nossos clientes, à medida que as possibilidades de aquisição de matérias primas o admitam.

A teoria, fundamenta aspirações gerais que tardam a cristalizar em factos, devido à ausência de princípios materializados pelas realidades.

Em teoria, podem-se fazer contratos impraticáveis, na razão da função que o tempo exerce na sua execução, se com a devida oportunidade não cumpre, uma das partes, o seu compromisso de entrega da matéria prima dentro do período de pesca e da preparação das embalagens que se hão-de encher. A prática sobrepõe-se, com todo o seu frio realismo, ao melhor dos propósitos.

Teóricamente, tem-se distribuído matéria prima que, praticamente, não chegou às nossas fábricas para a sua utilização em conservas, limitando-se, em geral, a uma quarta parte a produção normal; isto é, encarecendo extraordinariamente o custo do produto.

Não é nosso propósito evocar considerações sobre o passado. Em todo o caso, pretendemos apresentar aspectos que contribuam para o estudo sereno do futuro.

Extingue-se o ano de 1946 e com ele algumas das situações de violência consequentes do período belicoso. Se pensarmos que a Paz que a humanidade anseia, se está forjando por vias reais, pensaremos também na próxima normalidade da vida comercial entre todos os povos e, com isto, no equilíbrio, mais ou menos próximo, a que chegarão as necessidades de alimentação, hoje tão precárias.

Produzir é, pois, uma afirmação de ajuda para o referido equilíbrio; mas produzir com toda a intensidade possível, para o que nos devemos preparar com tempo e precaução.

É de crer que a Sociedade Siderúrgica, constituída há anos, para fornecer à indústria uma das suas principais matérias primas, — a folha —, inicie, em 1947, a sua laboração e contribua, assim, para nos ajudar a vencer a crise desta matéria prima. Isto não pode ser desconhecido pelos seus administradores e é lícito esperar que o máximo esforço de sua parte, virá facilitar a produção. Esse passo, da teoria à prática, ou do pensamento ao facto, é aguardado impacientemente por todos. A direcção da Siderúrgica, faria bem em dar ou tirar esta esperança, servindo-se das páginas desta revista para tal fim. Pedem-no os mais interessados no produto, sócios também da Empresa, conhecedores de que as obras para a instalação fabril vão muito adiantadas.

As possibilidades de recebimento de folha, estão exclusivamente do lado dos Estados Unidos e Inglaterra. A primeira, debate-se com greves e atrasa a produção, ao passo

que, a segunda, produz menos que nos tempos normais e tem necessidades imperiosas que a impedem de vender.

Estamos, portanto, em má situação, sem que signifique pessimismo. Em todo o caso, é de esperar que, se se actuar com tino e oportunidade, o contingente destinado a Portugal por parte dos E. Unidos, seja ampliado na sua dotação e venhamos a receber quantidades substanciais; mas não é esperando os acontecimentos que se chegará a resultado prático, porém iniciando, desde já, o trabalho da sua aquisição.

Se tivesse sido estudado com tempo o fornecimento de sementes do Ultramar, para obter aqui óleo com abundância, não seria difícil lograr o necessário para a indústria; e dizemos, com tempo, para que as refinarias nos entregassem o molho na ocasião própria, e não depois de perdermos parte da safra, fenómeno verificado nos últimos anos e atribuído a razões que, hoje, desapareceram.

Também é de crer que a livre importação de molhos, facilitaria a solução do problema do consumo público com quantidades apreciáveis, ao mesmo tempo que facilitaria o trabalho da indústria conserveira, alcançando-se uma produção maior, reforçando o mercado cambial com divisas de que muito beneficiaria a economia nacional.

O ano de 1946 deixa atrás de si problemas fundamentalmente específicos, que aspiram por uma solu-

Casimiro Lúcio de Oliveira

Faleceu, no mês passado, este benquista e considerado industrial, sócio gerente da firma Sociedade de Conservas de Peniche, Lda. e membro da Direcção do Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe do Centro.

A família enlutada, endereçamos os nossos sinceros pésames.

ção franca e prática, e que requeiram uma orientação definida.

A orientação cabe àqueles que, conhecendo o intrincado panorama das circunstâncias geradoras que não chegam até nós, podem definir, com conhecimento de causa, o que mais interessa à indústria, mas torna-se imprescindível orientar, prevenir e ordenar, com a possível antecipação, com tempo bastante a recolher os frutos na próxima safra.

Orientar, deve ser abrir o caminho às nossas possibilidades, destruir os obstáculos que ainda perturbam a vida expansionista, ir às fontes de matérias primas para as obter, fazer obra oficialmente reservada à sua função dirigente e defender os interesses colectivos, que é o mesmo que defender os do país.

A ausência de orientação sempre será perturbadora. O esperar ou deixar ao tempo a solução dos problemas, não foi nunca construtivo, nem eficaz, nem auxiliar do êxito.

Vamos entrar no novo ano, que será outro mais de dificuldades, e vencê-las seria cumprir a mais alta missão que aos orientadores corresponde. Cabe a todos e a cada um, expor raciocínios, coordenar ideias, apresentar sugestões, vivificar o ambiente do nosso organismo com a acção inteligente de seus actos, justificar a necessidade de rumos novos em face da nova ordem das coisas que nos dominam, acelerar a organização de uma orientação ampla e firme, como primeiro passo para a próxima normalidade e, enfim, cumprir cada um, individualmente e colectivamente, em pura consciência do dever.

Conduzam a teoria aqueles que, por obrigações do seu cargo, se dedicam ao estudo das necessidades da indústria nos seus aspectos científico, coordenador, estatístico, geral e ainda económico, e realizem a prática aqueles que vinculando os seus actos nos ensinamentos recolhidos no ambiente universal da vida especulativa, têm nas suas mãos a execução dos princípios sugeridos pela teoria.

E, assim, teoria e prática, em co-

mum entendimento, poderão consolidar as nossas esperanças, abrir amplo caminho ao comércio e prestigiar os nossos produtos que é a aspiração suprema.

É que a prática, representa acção produtiva e por isso apresenta-se-nos indispensável na direcção colectiva. A prática sela com factos a fórmula evolutiva, consagrando o desenvolvimento progressivo e com a teoria forma o anverso e reverso de uma medalha em que, sem se separar, se funde e forja a evolução, a marcha ascendente que transforma e melhora, no industrial, os produtos, em economia, os meios e em comércio, a expansão.

Teoria e prática, são consequentes, como é o plano que o architecto pensa e delinea e a obra que os artistas executam.

Prática, é a aplicação e execução dos princípios da técnica, deduzidos das ciências especulativas, não sendo extraordinário que, onde fracassa a teoria, se cubra de êxitos a prática, pois se aquela descobre as leis reguladoras, esta recolhe os ensinamentos das investigações e na sua adopção realiza obra proveitosa.

Tenhamos bons architectos e bons artistas e, assim, a obra ir-se-á aproximando da perfeição.

Dezembro de 1946.

José A. Mora

D. Gaspar Massó

O Governo espanhol agraciou com a Medalha do Trabalho a D. Gaspar Massó, industrial do País vizinho que gosa de muitas simpatias no nosso meio conserveiro. O texto oficial do Decreto e a imprensa espanhola que se refere ao facto, põem em destaque o valor industrial e mental do homenageado que tem prestado relevantes serviços à indústria de conservas de peixe espanhola e, poderemos acrescentar, ibérica.

MATÉRIAS PRIMAS



Estanho

A Inglaterra estabeleceu o preço para a produção do estanho no Império na base da cotação de £ 380—10 sh. por ton. com 99.99,75 por cento de metal fixado para a venda no continente e para a exportação.

A Nigéria ficou a receber em vez de £ 300 do antigo contrato, £ 340 por ton. de estanho em metal, nos primeiros seis meses do ano, e £ 357-10 sh. no segundo semestre.

Quanto a Malaia, o preço básico do metal foi aumentado de £ 300. para £ 370 por ton. fundido.

Os novos preços fixados aos produtos de estanho do Império estão equiparados com os do contrato entre a América do Norte e a Bolívia que equivalem, na base de 67 centimos a libra peso, a £ 372 por ton.

Como consequência desta alta do estanho, o preço da folha aumentou de 8,56 d. por caixa base (56 folhas) que passou a ser cotada a 34 sh. 11,56 d.

Há esperanças de que se possa atingir, num período razoável, a produção de 200 mil ton. anuais que era a normal antes da guerra. Por outro lado há também o receio em vários sectores de que o consumo mundial de estanho não ultrapasse 150.000 ton. anuais, porque a falta de estanho durante a guerra levou a economias importantes na sua aplicação que se mantém no após-guerra, como, por exemplo, a redução na espessura da camada de estanho que cobre a folha.

Entretanto, a produção no Extremo Oriente vai seguindo lentamente e com dificuldade.

Nas Índias Neerlandesas, a dragagem está dando um maior rendimento que aumentará muito

mais logo que cheguem as novas dragas que vêm a caminho da Holanda. A situação no Siao é, porém, caótica, não tendo ainda as minas de propriedade inglesa e australiana sido entregues aos seus proprietários. Em Burma, espera-se obter uma produção de 2.000 ton. para 1947.

A reconstituição da produção em Malaia vai continuando morosamente. A produção totalizava 2.378 ton. no trimestre de 1946 comparada com uma produção trimestral de cerca de 20.000 ton. antes da guerra.

Uma das causas da redução da produção encontra-se nas condições dos trabalhadores das minas que se ressentem dos efeitos económicos e psicológicos da guerra e da fraca alimentação no após-guerra.

Azeite

A produção na safra de 1945-46 foi de 44.216.000 litros distribuídos pelas seguintes regiões:

Aveiro	531.900
Beja	3.038.100
Braga	1.046.300
Bragança	760.700
Castelo Branco	6.667.500
Coimbra	3.679.000
Evora	3.702.000
Faro	534.000
Guarda	1.256.700
Leiria	2.998.500
Lisboa	641.600
Portalegre	5.858.500
Porto	345.800
Santarém	9.697.100
Setúbal	1.011.500
Viana do Castelo	649.900
Vila Real	696.700
Viseu	1.100.200

Esta produção é superior à de 1944-45 em 4.024.633 litros.

A exportação de Azeite, durante o período de 1945-46, foi de 1.533.300 litros, mais 738.000 litros do que em 1944-45.

A importação está suspensa desde 1939.

Oleo de Amendoim

O amendoim, «Arachis Hippogaea» é uma das plantas oleaginosas de mais generalizada cultura em todo o mundo.

São muitas as variedades de amendoim cultivado e entre elas interessa salientar as seguintes, com a indicação do respectivo rendimento em óleo bruto:

Espanhola	49 a 50 %	de óleo
Rufisque	45 > 46 >	> >
Virginia	46 > 47 >	> >
Moçambique	42 > 45 >	> >
Bombaim	37 > 38 >	> >
Coromandel	36 > 37 >	> >

O Amendoim tem larga utilização no mundo. Serve para a produção de óleos alimentares e industriais, consome-se directamente e em avultadas percentagens na alimentação humana. Os bagaços (Tortaux) provenientes da extração do óleo destinam-se igualmente à alimentação do gado. É uma oleaginosa de múltiplas aplicações e, pelo menos na Europa, é o mais perigoso concorrente do azeite com o qual tem lutado com manifesta vantagem em alguns países deste continente.

Entre os países aonde a cultura do amendoim se faz em grande escala, destacam-se os quatro principais: a Índia, a China, a África Ocidental Francesa e os Estados Unidos da América do Norte cujas produções foram, no triénio 1933-36, respectivamente, em ton.: 2.610.000; 2.620.000; 780.000 e 536.000. Estes quatro países produzem à volta de 90% do amendoim que se produz em todo o mundo.

Na exportação mundial de amendoim figuram como grandes exportadores no triénio 1933-36, a Índia com 746.750 ton.; a África Ocidental Francesa com 419.000 ton.; a China com 165.000 ton.; a Nigéria com 309.000, e dos médios exportadores fazem parte: Moçambique com 38.000 ton. e Guiné Portuguesa com 24.000 ton.

(Extrahido dum artigo de C. H. no Boletim da Junta Nacional do Azeite)

Economia e Finanças

(Continuação da pág. 10)

Em relação a 1946, as receitas ordinárias calculadas para 1947 sobem a mais 447,6 milhares de contos; as extraordinárias, por sua vez, crescem de 456,7.

Se no aumento daquelas receitas se excluirem as importâncias das que se acham consignadas a determinadas despesas ou serviços, os movimentos para mais reduzem-se a 352,2 milhares de contos, atribuindo-se:

aos impostos indirectos, 132 milhares de contos;

aos réditos do domínio privado, 77,4 milhares de contos;

aos impostos directos gerais, 74,5 milhares de contos;

aos regimes tributários especiais, 20,3 milhares de contos;

aos rendimentos de diversos serviços, 13 milhares de contos.

O acréscimo dos impostos directos gerais provem das seguintes variações que se esperam:

aumentos na contribuição industrial e na sisa, cada um de 30 mil contos e 15.000 na contribuição predial;

supressão de 30.000 contos do imposto sobre lucros de guerra, compensados, no entanto, com 13 mil contos a mais no imposto sobre aplicação de capitais, 10.000 no imposto sucessório e 6.500 em outras receitas, todos eles conseguidos por um ajustamento de avaliações.

Nos rendimentos do domínio privado, a melhoria vem, na sua maior parte, da participação de lucros que cabe ao Estado, computada em 70.200 contos.

Custearão os 1.820 milhares de contos de despesas extraordinárias, já discriminadas, receitas da mesma natureza da seguinte proveniência:

10.700 contos dos excedentes da receita ordinária;

17.000 contos da amoedação;

476.000 contos dos saldos dos anos económicos findos;

1.316.300 contos do produto de empréstimos.

História da vida das Sardinhas

(Continuação da pág. 16)

tracção conhecida. E assim chegou aos quatro biliões e meio e nove biliões da resposta citada.

Não se pode sequer abordar entre nós, nas circunstâncias presentes, uma pesquisa análoga.

Mas talvez não seja totalmente impossível tentar um recenseamento mais ou menos parecido por outros métodos adaptáveis às nossas condições. Para isso, contudo, é absolutamente necessário ter presente que os biólogos a quem fosse atribuída a tarefa não a poderiam empreender se se entendesse que lhes bastaria o espaço entre quatro paredes de um laboratório melhor ou peor apetrechado, livros e... uma varinha mágica! Não se pode nem deve esquecer que a biologia marítima piscatória é um ramo de ciência aplicada as pescas e de que, portanto, é no próximo meio da actividade quotidiana da pesca que tem de ser exercida, em contacto com todos os seus diversísimos aspectos e dificuldades.

Um outro aspecto da biologia piscatória da «sardinha da Califórnia» tem sido estudado também com persistência pelos naturalistas do serviço respectivo daquele Estado. Quero referir-me á marcha do rendimento por unidade de esforço de pesca no decorrer dos tempos e á medida que os engenhos se vão aperfeiçoando em capacidade de captura, vão sendo usados em mais larga escala e a produção global de peixe vai sendo cada vez maior. Os receios de sobrepesca da sardinha já há muito tomaram corpo nas costas ocidentais da América do Norte, mas o assunto tem sido discutido sem ainda se ter chegado a um parecer unânime. Dele me ocuparei num artigo ulterior se a oportunidade se oferecer para tal.

Pedidos de Representação

- *James Brodie & Co.*
88 Bishopsgate — London E. C. 2.
- *Philips, Edgcumbe & Co., Ltd.*
24, Morley Street, Westminster Bridge Road — London, S. E. 1.
- *R. C. Aitken*
53-56 Beresford House (Third Floor) — 86, Main Street — Johannesburg.
- *James Crisp.*
C. P. O. Box. 1204 — Auckland (New Zealand).
- *Hull, Blyth & Co., Ltd.*
1, Lloyds Avenue — London E. C. 3.
- *Moorthy & Company.*
139, Fourth Cross Street — Colombo.
- *Hajjar & Bandar.*
B. P. 116 — Dumas (Syrie).
- *Fred Zisarsty.*
Kaerntnerring, 15 — Vienna 1.
- *Canners Agencies, Ltd.*
90, Lower Thames Street — London E. C. 3.
- *Haridas Bhanji & Co.*
14-2, Old Chinabazar Street — Calcutta.
- *Hermann Wartenberger.*
Cerrera 24 — Manizales (Colombia).
- *Union Internationale de Commerce.*
3, Rue du Gouvernement Provisoire — Bruxelles.
- *Arthur Johns, Ltd.*
5, Duque Street Hill.
London Bridge — London, S. E. 1.
- *English Exporters (London), Ltd.*
9 & 10, Marble Arch — London-W. 1.
- *Le National Alimentation Générale.*
60, Avenue de Jette — Bruxelles.

PESCA DA SARDINHA

Novembro 1946

	Percent. %	Pêso em quilos	Percent. %	Valor em Escudos
Para conserva em Mólhos	28,89	4.526.186	58,05	15.579.080\$50
» » Salmoura	6,08	951.868	7,69	3.148.249\$50
» Consumo	65,03	10.186.126	54,26	22.215.883\$25
Total	100,00	15.664.180	100,00	40.943.213\$25

LOTAS	DESTINO	P Ê S O			V A L O R		
		Percent. %	Pêso em quilos	Total	Percent. %	Escudos	Total
V. Castelo	Consumo . .	-	39.262	39.262	-	115.935\$00	115.935\$00
P. Varzim . .	Mólhos . . .	8,82	5.895	66.802	8,82	15.720\$00	178.202\$00
	Salmoura . .	43,55	29.092		50,27	89.583\$00	
	Consumo . .	47,63	31.815		40,91	72.899\$00	
Leixões . .	Mólhos . . .	21,89	1.885.657	8.616.057	27,12	5.905.089\$00	21.773.617\$50
	Salmoura . .	9,39	809.256		12,68	2.761.217\$50	
	Consumo . .	68,72	5.921.144		60,20	13.107.311\$00	
Pôrto . . .	Mólhos . . .	1,33	2.000	150.220	1,44	6.000\$00	417.464\$00
	Consumo . .	98,67	148.220		98,56	411.464\$00	
Fig.º da Foz	Consumo . .	-	1.172.452	1.172.452	-	2.414.019\$00	2.414.019\$00
Peniche . .	Mólhos . . .	41,45	1.337.430	3.226.478	50,84	4.082.694\$00	8.030.280\$25
	Salmoura . .	1,18	38.170		0,89	71.239\$00	
	Consumo . .	57,37	1.850.878		48,27	3.876.347\$25	
Lisboa . . .	Mólhos . . .	7,21	239.519	880.198	36,85	773.942\$50	2.100.145\$50
	Salmoura . .	4,68	41.175		3,68	77.240\$00	
	Consumo . .	68,11	599.504		59,47	1.248.963\$00	
Setúbal . .	Mólhos . . .	95,96	375.120	390.921	97,19	1.566.997\$00	1.612.369\$00
	Consumo . .	4,04	15.801		2,81	45.372\$00	
Sines . . .	Consumo . .	-	19.460	19.460	-	53.629\$00	126.795\$00
Lagos . . .	Mólhos . . .	53,59	23.730	44.280	63,02	79.910\$00	1.867.306\$00
	Consumo . .	46,41	20.550		36,98	46.885\$00	
Portimão . .	Mólhos . . .	56,60	309.690	547.200	74,09	1.383.400\$00	1.932.828\$00
	Consumo . .	43,40	237.510		25,91	483.906\$00	
Olbão . . .	Mólhos . . .	69,85	287.595	411.725	79,50	1.536.550\$00	320.623\$00
	Salmoura . .	8,30	34.175		7,71	148.970\$00	
	Consumo . .	21,85	89.955		12,79	247.308\$00	
V. R. St.º Ant.º	Mólhos . . .	60,08	59.550	99.125	71,35	228.778\$00	320.623\$00
	Consumo . .	39,92	39.575		28,65	91.845\$00	
Total geral				15.664.180		40.943.213\$25	

RECORDANDO...

(Continuação da pág. 21)

há que ferir interesses particulares em proveito do bem geral, mas aqueles pouco podem representar quando se trata da defesa de tão importante sector industrial. Também o passado já demonstrou cabalmente que nem mesmo aqueles que julgavam dispor duma forte organização industrial e

comercial, escaparam à crise, e foram levados a acompanhar a queda vertiginosa dos preços em face dos «bonus» que dia a dia e cada vez em maior percentagem, se iam fazendo aos preços mínimos então fixados pelo I. P. C. P.. Nessa altura desapareceu por completo o valor da «marca», no

que ela representava como qualidade, para se ter unicamente em conta o preço, embora em certos mercados determinadas «marcas» tivessem atingido um tão alto prestígio, que era normal vê-las cotadas a preços muito superiores ao mínimo estabelecido.

É bom recordar os maus tempos passados e ir beber nêles a experiência e a inspiração para o que há a fazer no futuro.

Alfredo Augusto d'Almeida

Desde 1908

A casa das mais antigas, estabelecida nos Estados Unidos da América do Norte para a venda à comissão de Conservas de Peixe, tendo como clientes os melhores importadores de peixe de Portugal

STEINHARDTER & NORDLINGER
AGENTES DE VENDA

105, HUDSON ST.
NEW YORK, 13, N. Y

112, MARKET ST.
SAN FRANCISCO, 11
CALIFORNIA

MARTEL

REG. U. S. PAT. OFF.
BRAND



CONSERVAS PORTUGUESAS

SARDINHAS — ANCHOVAS — ANTIPASTO

Preparadas para a nossa firma pelos melhores fabricantes
de Portugal e saboreadas pelo mais fino paladar Americano

ADOLPH GOLDMARK & SONS CORP. • MARTEL FOOD CORP.

NEW YORK-U. S. A.



FRAZAR & COMPANY

50 CHURCH STREET, NEW-YORK, 7 N. Y.

IMPORTADORES-EXPORTADORES-DISTRIBUIDORES

Direcção telegráfica
«FRAZAR» New York

Codigos

A. B. C. 15th. Impl Acme,
Benley's

Western Union



Importação: Sardinha-Anchovas-Atum-Productos Alimentícios



*Exportação: Productos Alimentícios-Máquinas-Ferramentas-Material Eléctrico
e de Engenharia-Mercadorias Gerais*



112 ANOS NO COMÉRCIO INTERNACIONAL

Marcas: Prado, Faina, Farnel e Merenda

Conservas Prado, L.^{da}

FÁBRICA DE CONSERVAS DE PEIXE

Rua de Brito Capelo, 1165

Telefone, 327-M Telegramas: "PRADO" Apartado 27

M A T O S I N H O S

DEFEZA COLOSSAL!!!



**ATUM
RAMIREZ**

DEFENDE A VOSSA SAUDE
PELA SUA EXCELENTE
QUALIDADE



POR GROSSO:
RAMIREZ & C.^l
R. AUGUSTA, 27, 2.^o
LISBOA - TEL: 2 3026
GAIPAR CARMO & IRMÃO
R. BONJARDIM, 52 A, 1.^o
PORTO - TEL: 600

TELEPHONES
MANSION HOUSE 2205-6-7
TELEGRAMS
AFFABLE, LONDON

H & T. Walker Ltd

FUNDADA EM 1876

37, EASTCHEAP
LONDON, E. C. 3

IMPORTAÇÃO:

Conservas de sardinhas e outros peixes
Conservas de frutos e legumes
Frutos sêcos e todos os diferentes produtos alimentícios

EXPORTAÇÃO:

Matérias primas e máquinas para fábricas
Todas as espécies de produtos Britânicos

End. Teleg. Lithographica

Telefone P. B. X 15

Estabelecimentos Litográficos

Ramirez, Perez, Cumbreira & C.^a

CASA FUNDADA EM 1890

Séde: Vila Real de Santo António (PORTUGAL)

Litografia sobre folha de flandres

Latoaria Mecanica (vazio)

Fabrica de Chaves

Fabrica de Pregos

Materiais para a industria de conservas

SUCURSAIS: OLHÃO, PORTIMÃO, SETUBAL (PORTUGAL)
AYAMONTE (ESPAÑA)

ALIANÇA EXPORTADORA, L.^{DA}

TELEGRAMAS ALIANE



APARTADO 263-LISBOA

"ALIANE"

MARCA REGISTRADA

EXPORTADORES
DE

CONSERVAS DE PEIXE,
CONSERVAS DE TOMATE,
E OUTROS FRUTOS,
FRUTOS SÊCOS,
ETC.



IMPORTADORES
DE

MATÉRIAS PRIMAS
E MAQUINISMOS
PARA A INDÚSTRIA
DE CONSERVAS,
ETC.



J. B. Cardoso, L^{da}

Calçada de Santo Amaro, 3 - LISBOA

OS MAIS ANTIGOS FABRICANTES EM PORTUGAL

DE

CHAVES — GRELHAS — PREGOS

AGENTES DEPOSITÁRIOS

MATOSINHOS

Afonso Barbosa & C.^a, L.^{da}

R. de Brito Capêlo, 1023

SETÚBAL

Setúbal Factories Agency, L.^{da}

Av. Luiza Todi, 277

ALGARVE

Feliciano Anjos Pereira

OLHÃO

ÓLEO DE MENDOBI
DA MARCA



Teleg. OFFROSA

Telefone 38 | 271
272
273
274

MARVILA

LISBOA

ESPECIAL PARA CONSERVAS

FABRICANTES

Sociedade Nacional de Sabões, Lda.



LA ROSE

CONSERVAS DE PEIXE

SARDINHAS — ATUM — FILETES DE
CAVALA — FILETES DE ANCHOVAS

FEU HERMANOS

RESP. LIM.

PORTIMÃO — ALGARVE

Marcas Registradas:
PALACIO DE ORIENTE, || ALBATROS,
ANTONIO ALONSO, HIJOS, || LA CORRIDA,
LION D' ARGENT



SETÚBAL } TELEFONE 157
TELEGRAMAS SANTONIO
APARTADO 62

FABRICA em SETÚBAL --- FABRICAS em ESPANHA

Fábrica : - SETÚBAL
Telefones : - 164 e 327
Telegramas : - SELISMA

LISBOA
R. JARDIM DO REGEDOR, 37-3.º
Telefone : - 2 5811
Telegramas : - SELISMA
Caixa Postal 712 (Central)

Fábrica : - MATOSINHOS
Telefone : - 623
Telegramas : - SELISMA

Conservas Unidas, Limitada

FABRICANTES - EXPORTADORES

CÓDIGOS :

A. B. C. 5lh. & 6lh. Ed.
BENTLY'S
MASCOTE 2.ª Ed.
NATIONAL FRANÇAIS
RUDOLF MOSSE E SUPL.
PRIVÉS

Séde : - LISBOA

Marcas Registradas :

CHAMEAU	MADALENA
BERRY	NICOLA
IRIS	MONICA
SILLEDO	UNITAS



ÓLEO DE MENDOBI AZEITES EXTRA E REFINADOS

OS PREFERIDOS PELOS BONS

FABRICANTES DE CONSERVAS

Companhia União Fabril

Lisboa - Rua do Comércio, 49

Pôrto - Rua Sá da Bandeira, 82

FÁBRICA NO BARREIRO

DEPÓSITOS NOS CENTROS

CONSERVEIROS DE : Lagos-Portimão-Olhão-Setúbal
Lisboa-Matosinhos

PATENTE DE INVENÇÃO

Nº 20058



Os topos direitos nas nossas
latas embutidas garantem a abertura



**SOCIEDADE INDUSTRIAL
SETUBALENSE, L.^{DA}**

AVENIDA TODI - SETUBAL

Sardinha do Algarve, L.^{da}

FABRICANTES E EXPORTADORES

CONSERVAS DE PEIXE
em azeite e em salmoira

Fabricações especiais em
azeite na marca MARGARET
Sardinhas sem espinha
Sardinha sem pele nem espinha

FILETES DE ANCHOVAS

Enderêço Telegráfico: «Sardinha» / Telefone 25

OLHÃO — PORTUGAL

AGENTUR A. B. DE COEN & C.º

23 NYBROGATAN

STOCKHOLM

A PRIMEIRA CASA SUECA EM SARDINHAS PORTUGUESAS
ESPECIALIDADE EM CONSERVAS DE PEIXE
AGENTES DE FABRICANTES // IMPORTADORES

TELEG. — DECOEN

B. J. BORGES, L.^{DA}

FABRICANTES — Exportadores de Conservas de Peixe

Capital social: Um milhão de Escudos

Fábrica e Escritório:

Travessa do Giestal, 2 a 10 — LISBOA
(Instalação moderna)

Marca registadas:

«PAVILHÃO»
«TRAFALGAR»
«BORGES»
«ATAIR»

A marca PAVILHÃO
cobre bons produtos
portugueses

Conservas de peixe
Azeitonas — Azeites

Sardinhas em azeite
e tomate. Atum. Fi-
letes de cavala. Ca-
lamares em su tinta.
Filetes de enchovas,
estendidos e enrola-
dos com alcaparras.

Premiadas com medalhas de ouro nas Exposições
de Setúbal e Lisboa, em 1930 e 1932

Telefone: 6 1914
Telegr: PAVILHÃO-Lisboa
Apartado: 613

Códigos: A. B. C., Bentley's,
Ribeiro, Marconi e
Rudolf Mosse e Supl.



Fabricants et Exportateurs
de Sardines et Anchois

Qualités garanties en Marques suivies

Marques principales: **CYRANO
RIGOLETTO
BELLEFLEUR
LES DEUX FRÈRES**

2 usines à Lisbonne (Ginjal) et Peniche

BUREAU CENTRAL:

Praça Duque da Terceira, 24, 3.º LISBONNE

Telefone 2 6358/9 — Apartado 342

Téleg.: PALOMA-LISBONNE

Codes: A. B. C. 5th. et 6th. edition, Rudolf Mosse
et United Telegraph-Privé

**EMPRESA INDUSTRIAL
DE CONSERVAS POKER,
LIMITADA**

FABRICANTES DE CONSERVAS DE PEIXE

GRAMAS: BENSÂUDE — LISBOA
TELE { FONES, 23271 — 23272 — 23273

CÓDIGOS { UNIVERSAL TRADE CODE
BENTLEY'S
A. B. C. 6 TH.
LOMBARD.

FÁBRICA EM SETÚBAL
TELEFONE 17

MARCAS REGISTRADAS { POKER - NANETTE
ANITA - SERRANA

Rua Nova do Almada 11-2.º
Lisboa - PORTUGAL

Consultem sempre

SANTOS MENDONÇA, L.^{DA}

RUA DA BOA VISTA, 83
LISBOA

P. DA LIBERDADE, 114
PORTO

Representantes da:
UNITED STATES STEEL EXPORT COMPANY

Fabricantes de:
Fôlha de Flandres, Arames
Arco de Ferro.

Fornecemos também:

Alcatrão, Caires, Fios de Al-
godão, Cabos de Aço, Fibras de
Manila, Cato, etc., etc.

Agentes em.

SETÚBAL: Setubal Factories Agency, Ltd.
OLHAO: José de Aragão Barros
PORTIMÃO: Pedro Bento de Azevedo, Suc., Ltd.

Cordeiro Santos & Ferreira, L.^{da}

Rua Bartolomeu Dias, 35 a 43
Lisboa — Portugal

Fabricantes de tãda a variedade de Con-
servas: Azeitonas, Hortaliças, Frutas,
Legumes, Mariscos, etc. • Exportadores de
Azeite. • Proprietários das conhecidas
marcas de Sardinhas e Atum
LE HERON — MASCOTE — INVEJAVEL

Endereço telegráfico: OICANGI

Telefonos: P. B. X. { 361085
361086
36147

Portugália Industrial, Lda.

Algarve — PORTIMÃO — Portugal

Telefone n.º 35 — Telegramas: "PORTUGÁLIA"

Preserved fish in olive oil, oil and brine

Selected quality
Sardines
Boneless — Plain — Skinless
Fish paste
Filets of anchovies, sardines and mackerels
Packers and Exporters
Fishing department

Registered Marks:

«SUPER-OMNIA»
«PORTUGÁLIA»
«ANNIE»
«EAGLE»
«LE PLAISIR»
«ALL RIGHT»

CONSERVAS
DE PEIXES

MÁQUINAS
E
MATERIAIS

PARA A INDÚSTRIA
DE CONSERVAS

ESTANHO "RIPAL"

O mais fino para soldas
O mais puro para grelhas

Folha de Flandres — Chumbo
— Arame — Chaves para abrir
latas — Pregos — Desperdi-
cios de algodão e produtos
químicos para limpezas, etc.

PULPE DE TOMATE

Azeite e Óleos

FUNDAÇÃO: 1931



IMPORTAÇÃO
— E —
EXPORTAÇÃO

COMISSÕES
— E —
REPRESENTAÇÕES

Ilídio Paninho, L.^{da}

SETÚBAL

SÉDE: 13, Rua S. Cristovão, 17

Telef: 372 e 392
Teleg: RIPAL

FILIAIS:

MATOSINHOS

352, Av. da República, 356
Telef: 592
Teleg: RIPALMA

E

OLHÃO

104, Av. da República, 104
Telef: 104
Teleg: RIPALGAR

MENDES & ANJOS, L.^{DA}
OLHÃO (ALGARVE)

TELEFONE 78 TELEGRAMAS MENJOS

Inscritos no Grémio dos Exportadores de Conservas de Peixe

AGENCIA EM LISBOA

RUA AUGUSTO ROSA, 66
(À SÉ)

TELEFONE 29966 TELEGRAMAS STAG

AGENTES NO ALGARVE DA

United States Steel Export Company
NEW YORK.

Exportação: Conservas de sardinha e outras espécies.

ALCAPARRAS E ESPONJAS
SEMPRE EM DEPÓSITO

Materiais e máquinas para a indústria de conservas

Dasco & Ferreira, L.^{da}

AGRICULTURAL INDUSTRY & COMMERCE
SPECIALITY IN TOMATO PRODUCTS

Head office — **Rua D. João I, 123** — MATOSINHOS (Portugal)

Telephone P.B.X. 272-M, 385-M — Cable address AVIZ

Fornecedor de pol-
pas de tomate e ex-
tractos de tomate à
Indústria de Con-
servas de Peixe.

— Canned vegetables factory in —
RIACHOS (Cascalheira) PORTUGAL

EMPRESA
OLFAIXE

PRODUTORA DE ÓLEOS E
FARINHAS DE PEIXE, L.^{DA}

FIRMAS SOCIETÁRIAS:

FÁBRICA DE CONSERVAS OCEANO

FÁBRICA DE CONSERVAS AVIZ

FÁBRICA DE CONSERVAS A POVEIRA

FÁBRICA DE CONSERVAS MADRUGADA

“OLFAIXE”

VILA DO CONDE

Telefone: 000
Telegramas: OLFAIXE

End. Telog.: CONDESTAVEL

TELEFONE: P. B. X. 277-M

FÁBRICA DE CONSERVAS

“NUN'ALVARES”

LAGE, FERREIRA & C.^A, L.^{DA}

RUA DE BRITO CAPELO, 912

MATOSINHOS

PORTUGAL



ORGANIZAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO DAS CONSERVAS DE PEIXE

Criada pelos decretos-leis N.ºs 26.775 26.776 e 26.777 de 10 de Julho de 1936

ORGANISMO DE COORDENAÇÃO ECONÓMICA

INSTITUTO PORTUGUÊS DE CONSERVAS DE PEIXE

(I. P. C. P.)

Director: Dr. José de Almeida Azevedo

Director adjunto: José de Sousa Nazareth

Director adjunto: Engenheiro Francisco de Melo Ferreira de Aguiar

Delegado do Governo junto dos Grémios — Dr. Pedro Chaves Ferreira

ORGANISMOS CORPORATIVOS

GRÉMIOS DOS INDUSTRIAIS

DO NORTE

José António Ferreira Barbosa
António V. Forbes de Bessa
Narciso José Barroso

Sub-delegado do Governo no Norte:
Dr. Raul Sieuve de Seguer Pereira

De Setúbal do Algarve

José Amândio Guerreiro Correia
João de Brito Folque
José Correia Pontes

Sub-delegado do Governo no Sul:
Dr. Fernando de Mendonça

DO CENTRO

Alfredo Augusto de Almeida
Casimiro Lúcio de Oliveira
Filipe Nazareth Fernandes

DE SETUBAL

Dr. Francisco Perienes
Diniz Lopes David
José Narciso Ferreira de Freitas

De Barlavento do Algarve

José Mendes Furtado
João Francisco Leote
António da Silva Freitas



GRÉMIO DOS EXPORTADORES

Josino da Costa
Faustino Tavares Figueira
João Veiga Henriques



*As sardinhas por-
tuguesas de conserva
são deliciosas e cons-
tituem um poderoso
alimento.*

ETP

